

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA CONCENTRAÇÃO: ENSINO, MÉTODOS E TÉCNICAS EM
GEOGRAFIA**

**O MEIO AMBIENTE NO MUNDO DA NOTÍCIA:
uma análise do jornalismo na TV Integração**

GUSTAVO DE OLIVEIRA MOREIRA

**UBERLÂNDIA - MG
2007**

GUSTAVO DE OLIVEIRA MOREIRA

**O MEIO AMBIENTE NO MUNDO DA NOTÍCIA:
uma análise do jornalismo na TV Integração**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Ensino, Métodos e Técnicas em Geografia.

Orientadora: Professora Dr^a. Marlene de Munno Colesanti.

Uberlândia / MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2007

“Nem mesmo a morte pode calar as montanhas de Minas” (Gustavo Moreira). Dedico essa dissertação a Minas Gerais, cujos vales e montanhas resguardam minha grande fortuna: amor, família e amigos. A esta terra da gentileza que, de longe, mostra a sua imponência. Um grotão aberto do Brasil, enlouquecido de amor pelo mundo. Ao recanto profundo, abissal, crítico dessa mina, fonte recriadora da América Latina.

AGRADECIMENTOS

À universidade pública brasileira que me deu de presente esta oportunidade de mergulhar em um novo estágio de conhecimento.

Ao professor Phd. David George Francis, intelectual americano comprometido com o desenvolvimento do Brasil, que acreditou na viabilidade desta pesquisa.

À professora Drª. Marlene Terezinha de Muno Colesanti, orientadora e amiga, que delineou caminhos, aparou arestas, ajudou a encontrar soluções e literalmente “adotou” essa pesquisa.

Às secretárias de pós-graduação do Instituto de Geografia (IG/UFU) que sempre nos atendeu gentilmente, ajudando a encontrar informações e organizar as atividades acadêmicas.

A todo o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Geografia/Mestrado, composto por acadêmicos cientes das dificuldades enfrentadas pelos alunos em um país em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, comprometidos com a qualidade do ensino.

Aos amigos, conquistados nos últimos dois anos, com os quais compartilhei os momentos de ansiedade, dividi frustrações e, principalmente, as conquistas.

A Deus pelos claros sinais de sua presença em minha vida.

“Parem o mundo!
O poeta vai descer.
Ascendam as luzes
Revelem as faces
Digam a verdade
Há muito o que mexer

Mexer na profunda escuridão
Encontrar mercadorias
Esconder-se em fantasias
Ignorar a mais valia
Fazer de conta...
Que hoje
Esta noite
Não há melodias

Chame seus amigos
Conclame os vizinhos
Saiam dos seus ninhos!
Argentina
Brasil
Uruguai
Somos donos do “uai”
Nesta terra menina
A nossa...
América Latina

Abram espaço!
Afastem-se!
Deixem-no dizer aos berros
Reconhecer os próprios erros
Pisar no chão imundo
Que és vagabundo?
Para dizer...
New York, baby
Você não é o mundo!”.
(poema: “Grito Latino” de
Gustavo Moreira)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como tema o meio ambiente e sua repercussão na produção de notícias. Neste estudo, confrontamos a Geografia, representada pela complexa gama de conhecimentos que envolve a questão ambiental e a Comunicação Social, por meio das relações econômicas, políticas, sociais e humanas na qual se estrutura o Jornalismo. O objetivo desta pesquisa é uma observar cientificamente a percepção dos jornalistas da TV Integração em relação aos assuntos que, na opinião deles, despertam mais interesse da sociedade. Observamos também o grau de relevância da questão ambiental em relação a uma lista fechada de temas considerados potenciais fontes de notícias. A partir destes aspectos, pudemos concluir que as notícias sobre o meio ambiente foram classificadas entre as matérias consideradas de maior relevância para o público.

Palavras-chave: meio ambiente; jornalismo, notícia, degradação, comportamento.

ABSTRACT

In this masters degree dissertation, distinct knowledge which is daily associated are faced: geography, represented by the wide range of knowledge that includes the environment and social communication, through the economy, politics, social and human areas in which journalism is structured. The main goal of this study is a scientific lookout of “TV Integração” journalists' ability, as regards: relevance degree of environment points in relation to a list of subjects considering strong sources of news, as well as the quotation of news about the environment among the subjects classified by the journalists as the most important.

Key words: environment, journalism, news, degrade, behavior.

LISTA DE FIGURAS

1) Mapa de Cobertura TV Integração.....	P. 37
2) Estação Mogiana Araguari.....	P. 41
3) Inundação New Orleans (EUA).....	P. 54
4) Inundação New Orleans (EUA).....	P. 55
6) Gráfico	P. 61
7) Gráfico	P. 63
8) Gráfico	P. 64
9) Gráfico	P. 66
10) Gráfico	P. 71
11) Gráfico	P. 82

LISTA DE QUADROS

1) Caracterização dos sujeitos.....	P. 65
2) Definição notícia.....	P. 73
3) Meio Ambiente x Notícia.....	P. 74
4) Jornalismo x Difusão Meio Ambiente.....	P. 77
5) Notícia mais relevante, segundo o entrevistado	P. 78

LISTA DE TABELAS

1) As obras mais lidas..... P.69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	P. 12
CAPÍTULO 1 – Redação o “Ambiente” da Notícia	P. 17
1.1 Notícia: produção intelectual ou mercadoria?	P. 23
1.1.1 O papel formador da imprensa	P. 25
1.1.2 Habermas: reorientação da TV e Internet	P. 27
1.2 Meio Ambiente e a Teoria da Agenda	P. 28
CAPÍTULO 2 – TV Integração, Uberlândia e o “Meio”	P. 33
2.1 Integração: Histórico e a TV de Hoje	P. 35
2.2 Uberlândia: a cidade da “ordem e progresso”	P. 38
2.2.1 Primeiro as indústrias, depois o meio	P. 42
2.3 A necessidade da mudança de valores	P. 47
2.3.1 O consumismo e a questão ética	P. 51
2.4 Aquecimento global: a notícia do momento	P. 52
CAPÍTULO 3 – Meio Ambiente na TV Integração: Discurso ou realidade?	P. 57
.....	P. 57
3.1 Procedimentos da pesquisa e coleta de dados	P. 60
3.2 Caracterização dos sujeitos	P. 61
3.3 Resultados e discussões	P. 65
3.4 Questões abertas	P. 72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	P. 79
REFERÊNCIAS	P. 84
ANEXOS	P. 89

Introdução

INTRODUÇÃO

O estudo da comunicação social, conjugado a diferentes áreas do conhecimento como a sociologia, a psicologia e a filosofia (dentre outras), é algo que remonta própria compreensão científica da comunicação. Nesta dissertação de mestrado, confrontamos saberes distintos, mas que, cotidianamente, se inter-relacionam: a **geografia**, representada pela complexa gama de conhecimentos que envolve o meio ambiente e a **comunicação social**, por meio da intrínseca “malha” econômica, política, social e humana na qual se estrutura o jornalismo.

Embora haja diferenças e particularidades entre os temas em discussão, conseguimos identificar características em comum e, no decorrer de nosso trabalho, estabelecer-se-á uma correlação entre eles. A mais forte delas diz respeito à relação entre jornalismo e meio ambiente, estabelecida por meio da produção de notícias e a possibilidade (mais ou menos latente) de, ao incorporar o tema, a mídia exerça influência sobre a forma como a sociedade se posiciona.

O objetivo principal do estudo é analisar cientificamente a percepção dos jornalistas contratados pela TV Integração¹ em relação aos assuntos que, na opinião deles, despertam mais interesse da sociedade. Adotamos como objetivos específicos o grau da questão ambiental em relação a uma lista fechada de temas (KAYSER *apud* MELO, 1972), considerados potenciais fontes de notícias; e também a citação de notícias sobre o meio ambiente, classificadas pelos jornalistas como as mais importantes dentre as veiculadas pela TV Integração em 2006.

Para definir o tema e compreender os objetos em estudo, fundamentamos alguns conceitos básicos sobre a comunicação social/jornalismo e o meio ambiente. O primeiro deles vem do *cultural studies*²

¹ Emissora de TV, afiliada à Rede Globo de Televisão, com sede em Uberlândia, Minas Gerais/Brasil, com cobertura em 34 municípios do Triângulo Mineiro. A TV Integração é uma das 3 emissoras da Rede Integração (de propriedade do mesmo grupo empresarial) que possui a TV Ideal, em Ituiutaba, TV União, em Araxá, além de unidade em Uberaba, Patos de Minas e Divinópolis, cobrindo assim o Triângulo, Pontal, Alto Paranaíba e Centro-oeste mineiro.

² “O objetivo do *cultural studies* (grifo do autor) é definir o estudo da cultura da própria sociedade contemporânea como um âmbito de análise conceitualmente relevante, pertinente e fundado

e diz respeito à natureza da comunicação social como uma força dinâmica e em constante transformação, que emerge e se altera de acordo com influências que emergem da sociedade. Assim assinala Wolf (2005),

[...] devem ser estudadas as estruturas e os processos por meio dos quais as instituições das comunicações de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural: isso não ocorre de modo estático, mas adaptando-se, englobando-se às pressões, às contradições que emergem da sociedade, englobando-as e integrando-as no próprio sistema cultural (WOLF, 2005, p. 103).

Uma das características desta corrente de estudo é a classificação da comunicação de massa e da produção cultural como processos econômicos. É na análise da dimensão econômica do fenômeno que o *cultural studies* busca a compreensão dos efeitos cultural-ideológicos da mídia. O caráter totalizante de reprodução dos interesses do capital se destaca, mas a corrente não deixa de considerar aspectos contraditórios e variáveis, inerentes ao processo de comunicação.

O efeito ideológico total da reprodução do sistema cultural operada pelos meios de comunicação de massa evidencia-se com a análise das várias determinações (internas e externas ao sistema da comunicação de massa), que vinculam ou liberam as mensagens da mídia dentro e por meio das práticas produtivas. Dessa prática é explicitada, sobretudo a natureza padronizada, reduzida, que favorece o *status quo* (grifo do autor), mas também é, ao mesmo tempo, contraditória e variável (WOLF, 2005, p. 104).

É pelo emaranhado destas relações econômicas, políticas, sociais e culturais, inerentes à estruturação da mídia na sociedade capitalista, que os diversos temas passam, antes de chegarem ao público. Além das interferências, que serão apresentadas nesta dissertação, não podemos deixar de considerar a importância de se compreender outro sujeito determinante na produção de notícias: o jornalista.

teoricamente. No conceito de cultura cabem tantos os *significados* e os *valores* que surgem e se difundem nas classes e grupos sociais, quanto as *práticas* efetivamente realizadas, por meio das quais valores e significados são expressos e nas quais estão contidos. Com respeito a tais definições e modos de vida – entendidos como construções coletivas –, os meios de comunicação de massa desenvolvem uma função importante, uma vez que agem como elementos ativos dessas construções” (WOLF, 2005, pág. 103).

Esse profissional é responsável pela decodificação das informações que chegam ao seu ambiente de trabalho (as redações) e o material que chega à sociedade. Exatamente por isso, alguns autores construíram críticas, principalmente ao caráter fragmentado do noticiário, à falta de destaque a determinados assuntos e a abordagem superficial.

Assim, Trigueiro (2003) assinala que a cobertura jornalística referente às questões ambientais reforça estereótipos e, dificilmente, ultrapassa a visão do tema relacionado apenas à fauna e a flora. O autor trabalha com o exemplo da mudança radical na linha editorial do *Globo Repórter*³, a partir do início de 1998, quando o programa deixou de trabalhar com temas investigativos (entre outros) para assumir pautas relacionadas à vida selvagem.

Com base em estudos sobre a mídia e a necessidade de ampliar a cobertura ambiental, o jornalista e pesquisador apresenta conceito do termo meio ambiente. Para Trigueiro (2003):

[...] a expressão ‘Meio Ambiente’, que reúne dois substantivos redundantes: meio (do latim *mediu*) significa tudo aquilo que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos; e ambiente, palavra composta por dois vocábulos latinos: a preposição *ambi* (o) (ao redor, à volta) e o verbo *ire* (ir). Ambiente, portanto, seria tudo o que vai à volta. Mas dizer que meio ambiente é tudo seria simplificar demais a questão, (TRIGUEIRO, 2003, p. 77).

Ao concluir a conceituação, o autor estabelece uma relação dinâmica, plural, filosófica e sociológica em torno do que entende como meio ambiente. A abordagem mais coerente, conforme avalia, é aquela que coloca o termo meio como “um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles” (LIMA-E-SILVA *apud* TRIGUEIRO, 1999).

A realização da pesquisa no universo em torno dos jornalistas em atividade na TV Integração justifica-se pela necessidade de divulgação de projetos, ações, trabalhos científicos e idéias capazes de estimular a adoção de práticas ambientalmente sustentáveis. Acreditamos que a mídia possa contribuir significativamente para que a reflexão sobre o desgaste do planeta seja algo cotidiano e, assim, extrapole os limites da comunidade acadêmica,

³ Programa exibido semanalmente pela Rede Globo de Televisão desde abril de 1973.

das esferas do poder público ou dos técnicos envolvidos diretamente com o assunto.

Por isso, focamos as atenções no principalmente sujeito envolvido na apuração das informações, elaboração de reportagens, edição de conteúdos e, consequentemente, na seleção do que será ou não veiculado. Embora haja esferas de influências superiores, dentre de um patamar mais elevado na hierarquia da notícia (a direção da emissora, por exemplo), acreditamos que, na redação, o jornalista tem parte deste “poder” capaz de aprovar ou vetar determinado conteúdo.

No que se refere à metodologia, trabalhamos com a inter-relação de diferentes teorias do jornalismo para explicar como elas interferem na definição do conteúdo midiático. Sendo assim, trabalhamos com base em um arcabouço teórico, discutindo quais as possibilidades do tema meio ambiente ganhar destaque ou não. A partir dessas constatações, percebemos que existem diversos pontos de conexão entre meio ambiente e jornalismo. Para dar mais clareza aos estudos, aplicamos um questionário aos profissionais da TV Integração.

Assim conseguimos obter conclusões sobre o que, na opinião deles, apresenta potencial para ser veiculado. Também descobrimos qual é a opinião dos jornalistas sobre a questão ambiental e, principalmente, a prática corrente na redação, bem como o tratamento que é dado aos diferentes temas, principalmente ao meio ambiente.

Esta dissertação está divida em três capítulos. No primeiro, explicamos os principais conceitos que envolvem o jornalismo e a maneira como eles interferem na divulgação do tema pesquisado. Em seguida, focamos nossa atenção no histórico da TV Integração e, principalmente, na abordagem da degradação do ambiente como uma questão comportamental, relacionada à sociedade de consumo, imposta pelo Capitalismo. O terceiro capítulo foi destinado à discussão das questões levantadas pelo questionário e, posteriormente, apresentamos as conclusões deste trabalho.

capitulo

1

REDAÇÃO: O “AMBIENTE” DA NOTÍCIA

Não há soluções distintas para as relações sociedade / natureza e para as relações entre os homens, pois estes dois problemas se constituem num só, (BERNARDES e FERREIRA, 2003, pág. 40).

A notícia é o resultado final de um processo de produção dinâmico e totalmente inserido em contextos humano, econômico, social e político. Para analisar o produto principal da atividade jornalística, é fundamental entender a ambientes em torno da qual esse processo é constituído. As **redações** dos telejornais, espaço desconhecido da maioria do público, é o terreno no qual centenas de profissionais definem, diariamente, qual será a gama de notícias a serem apresentadas à sociedade.

Instaladas junto às emissoras de TV bem como nas demais categorias de veículos de comunicação de massa como os impressos e os eletrônicos, as redações ou departamentos de jornalismo são os espaços nos quais o processo de produção da notícia acontece, desde o seu planejamento (produção e apuração das informações) até sua execução final, que é a veiculação.

É no clima aparentemente “independente” das redações, que jornalistas desenvolvem seu trabalho, levando consigo uma bagagem da qual não consegue se desvincilar, composta por suas características pessoais; as influências culturais do mundo ao seu redor; suas aspirações profissionais, dentre outros fatores. O profissional da notícia é como um mosaico multifacetado, que os pesquisadores da comunicação social tentam entender e buscam respostas na Sociologia dos Emissores.

Segundo Wolf (2005), a Sociologia dos Emissores leva em consideração duas abordagens:

[...] a primeira – ligada à sociologia das profissões – estudou os emissores do ponto de vista das suas características sociológicas, culturais, do padrão de carreira seguido por eles, dos processos de socialização sofridos, e assim por diante. Nessa perspectiva, portanto, são estudados alguns fatores externos à organização do trabalho, que influenciam os processos de produção dos comunicadores (WOLF, 2005, p. 183).

A teoria cria um alicerce que, na prática, funciona como uma convenção. Cada profissional possui peculiaridades, características pessoais, algumas delas adquiridas quando nem haviam feito suas escolhas profissionais, outras, entretanto, cristalizadas na vida adulta. São estas análises que sustentam

abordagens como os estudos dos *gatekeepers*⁴, segundo os quais “as zonas-filtro são controladas ou por sistemas objetivos de regras ou por *gatekeepers*: nesse caso, um indivíduo ou um grupo que tem ‘o poder de decidir se deixa passar ou interrompe a informação”, (Wolf, 2005).

Antes de chegar à exibição, o material jornalístico passa por processos que filtram o conteúdo. As próprias rotinas produtivas e os diversos critérios de noticiabilidade atuam como agentes capazes de garantir o destaque de determinado tema ou determinar o seu completo esquecimento pela imprensa.

Para Wolf (2005):

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública da notícia. Tudo o que não responde a esses requisitos é ‘selecionado’, uma vez que não se mostra adequado às rotinas de produção e aos cânones da cultura profissional: não conquistando o estatuto público de notícia, permanece simplesmente um evento que se perde na ‘matéria-prima’ que o aparato informativo não consegue transformar e que, portanto, não deverá fazer parte dos conhecimentos do mundo, adquiridos pelo público por meio da comunicação de massa, (WOLF, 2005, p. 196).

Embora haja a influência de interesses e atores regionais, o processo jornalístico não sofre grandes alterações nas diferentes partes do mundo capitalista⁵, ou seja, as rotinas de produção adotadas em São Paulo (maior centro econômico e financeiro do País) podem ser observadas nas emissoras de TV espalhadas pelo interior do Brasil. Tal característica torna-se ainda mais acentuada com a padronização de procedimentos e conteúdos, estabelecidos pelas redes nacionais para suas emissoras afiliadas⁶.

Conforme pode ser observado no capítulo 3, os jornalistas que trabalham na TV Integração, em Uberlândia, por exemplo, orientam suas atividades de acordo com as rotinas produtivas e os critérios de noticiabilidade apontados por Wolf (2005). Desta maneira, o autor assinala:

⁴ *Gatekeeper* é um termo utilizado a partir de 1947 para classificar um indivíduo ou grupo de indivíduos que atuam como uma espécie de “cancela” ou “porteiro” em relação ao processo de produção da mídia. Eles têm o poder de garantir a veiculação de determinado conteúdo ou de interrompê-lo; seja em um telejornal, telenovela, minissérie, entre outros.

⁵ Com exceção dos regimes sociais e políticos onde o Estado ou outras formas constituídas de poder exerçam influência direta (regulamentada ou não) sobre a produção dos veículos de comunicação de massa.

⁶ Emissora afiliada é conceito utilizado para definir as emissoras de TV aberta com abrangência local e/ou regional, que operam como retransmissoras do conteúdo das redes nacionais como a Rede Globo, Rede TV, Bandeirantes, Record, SBT, dentre outras.

[...] “faz notícia” o que – tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas – é suscetível de ser ‘trabalhado’ pelo aparato sem muitas alterações e subversões do ciclo de produção normal. É óbvio que, no caso de eventos excepcionais, o aparato tem a elasticidade necessária para adaptar os próprios procedimentos à situação contingente. No entanto, em geral, a noticiabilidade de um acontecimento é avaliada em relação ao grau de integração que ele representa com respeito ao andamento normal e rotineiro das fases de produção, (WOLF, 2005, p. 197).

Diante da necessidade de selecionar os conteúdos com rapidez, o jornalista orienta seu trabalho pelos chamados valores/notícia. A existência de conceitos pré-estabelecidos facilita sua rotina, tornando seu trabalho mais ágil e no *timing* exigido para a veiculação das informações. Para Wolf (2005), os valores/notícia não seguem uma classificação meramente abstrata, baseada em conceitos subjetivos. Ao contrário, “trata-se, preferencialmente, da lógica de uma tipificação, destinada à realização programada de objetivos práticos e, em primeiro lugar, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos”.

Tais procedimentos foram detectados na análise de percepção dos jornalistas da TV Integração. É possível notar a existência de processos pré-estabelecidos ou uma organização mental com base nos quais se orienta a elaboração das notícias. É como se, automaticamente, jornalistas fizessem perguntas a si mesmos: qual o impacto de tal fato sobre a sociedade, ou seja, a quantas pessoas interessa essa notícia? Qual a importância das pessoas envolvidas em determinado evento? Existe algum desdobramento futuro a ser desencadeado pelo acontecido?

Desta maneira, às rotinas produtivas estabelecem-se algumas variáveis adjacentes, formando o que o autor chama de “critérios substantivos”. Conforme descreve, os quatro itens capazes de influir na definição do que será noticiado ou descartado, de maneira geral, são:

[...] 1. *Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável*, seja no que concerne à instituições governamentais, seja quanto aos outros organismos e hierarquias sociais. Esta acepção do valor/notícia como ‘importância do acontecimento’ cobre dois fatores definidos por Galtung-Ruge (‘quanto mais o acontecimento interessar à nações de elite, maior será a probabilidade de se tornar notícia’; [ou seja] ‘quanto mais o acontecimento interessar à pessoas de elites, maior será a probabilidade de se tornar notícia’), (1965, p.119)’.

2. *Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional*. O segundo fator que operativamente determina a importância de um acontecimento é a sua potencialidade de influir ou de incidir sobre os interesses do país. Semelhante a esse fator é o valor/notícia que

Galtung-Ruge indicam com o termo 'significatividade'. Para ser noticiável, o acontecimento deve ser significativo, ou seja, 'interpretável dentro do contexto cultural do ouvinte ou do leitor' (Galtung-Ruge, 1965, p. 117).

3. *Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve.* 'Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas; e, quanto mais elevado for o número de pessoas, mais importante é a notícia' (Gans, 1979, p.151).

4. *Relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.* Gans caracteriza um exemplo desse fator na cobertura reservada aos primeiros episódios de eventos que têm uma duração prolongada: 'as primeiras eleições primárias na campanha presidencial são notícias importantes, não obstante seu papel ainda ambíguo e seu significado ainda incerto a respeito de todo o processo da nomeação presidencial', (Gans, 1979, p.152), (WOLF, 2005, pp. 208-210-211-212).

A existência de um grau hierárquico, privilegiando os interesses da elite, é, quase sempre, negado pelos jornalistas. O discurso corrente nas redações é o da imparcialidade; calçado por elementos consistentes como a Constituição brasileira e o direito à liberdade de imprensa e de expressão. Para Marcondes Filho (1984), entretanto, a liberdade de informações e de opinião traduz-se como uma reivindicação burguesa.

Segundo Marcondes Filho (1984), a estruturação da imprensa na sociedade capitalista apresenta limitações em relação ao acesso democrático dos trabalhadores à sua produção. O conteúdo está diretamente subordinado à produção do jornalista, e este se encontra "fragilizado" perante a relação com os proprietários dos veículos de comunicação. Para o autor,

[...] o empresário privado da imprensa pode, então, livremente administrar e colocar jornais e revistas no mercado, no quais, embora cidadãos privilegiados, ou seja, os jornalistas, possam escrever e publicar, os assalariados não podem, em princípio defender sua opinião. Este livro trata da dependência dos jornalistas em relação ao poder do proprietário do capital de dispor destes; a dependência de todos os leitores com relação ao mesmo proprietário do capital é consequência necessária disso, enquanto, para eles, consistir o direito fundamental da liberdade de imprensa somente em escolher um jornal entre um número limitado de produtos jornalísticos, cujo conteúdo, entretanto, é sempre orientado pelo lucro do empresário (MARCONDÉS FILHO, 1984, p. 39).

O que Wolf (2005) chama de "impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional" é uma variável dos critérios existentes nos valores/notícia que pode ser ampliada e reduzida, de acordo com o universo estudado. No caso da TV Integração, por exemplo, o que autor classifica como "nação" aplica-se à área

coberta pela emissora. Isso significa que, quando houver algum tema de “interesse” para a população das regiões do Triângulo Mineiro, Pontal, Alto Paranaíba e Centro-oeste mineiro (universo importante para seu público), certamente haverá cobertura jornalística.

1.1 NOTÍCIA: PRODUÇÃO INTELECTUAL OU MERCADORIA?

A mídia não atua como um ator social isolado. A produção cultural (telenovelas, minisséries, filmes, dentre outros) e de informações (jornalismo) está inserida em contextos de ordem social e histórica, que se relacionam diretamente com diversos interesses do capital. Marcondes Filho (1984) reconstrói o surgimento do jornalismo como um fenômeno intimamente ligado à estruturação do sistema capitalista, desde suas fases iniciais como o Mercantilismo.

O autor analisa a incorporação de bens imateriais como a informação ao sistema que se estruturava e a maneira como a imprensa passou a ser utilizada como mecanismo de controle político ideológico, a partir do desenvolvimento do Capitalismo. Segundo define, “o aparecimento da circulação de notícias na sociedade capitalista e sua comercialização estão ligados à própria introdução do novo modo de produção, na fase mercantilista: a notícia não somente acompanha o trânsito de mercadorias, mas torna-se, também, uma delas”.

A orientação filosófica do autor remete ao legado de Marx, considerado uma das grandes influências da Escola de Frankfurt⁷. As afirmações marxistas foram desenvolvidas tanto por Adorno e Habermas, quanto por autores contemporâneos como Genro Filho (1987). Não poderíamos deixar de mencionar a importante contribuição deste último para esta pesquisa, principalmente com a publicação, da obra “O enigma da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”⁸.

O ponto central do pensamento de Genro Filho (1987) diz respeito à identificação do caráter “humanizador” e didático do jornalismo. Ele defende a

⁷ Movimento surgido na Alemanha com duras críticas à apropriação da comunicação social e da arte pelo sistema capitalista.

⁸ Disponível gratuitamente no site www.adelmo.com.br.

notícia como uma possibilidade de formação dos indivíduos e da sociedade de uma maneira geral. Tal afirmação expande o horizonte para a assimilação dos conceitos de qualquer natureza por meio dos veículos de comunicação, inclusive as práticas ambientalmente sustentáveis.

Para defender sua posição, Genro Filho (1987) analisa o jornalismo com base na sua aplicação em diferentes sistemas políticos e abordagens político-teóricas. O autor identifica limitações nas correntes que percebem o jornalismo apenas como um instrumento de dominação das massas, legado deixado pelos pensamentos da Escola de Frankfurt.

Segundo o autor, esse tipo de análise não apresenta a solidez necessária para revelar de maneira consistente a natureza do jornalismo. O que, de certa forma, nos surpreendeu foram as afirmações de que, nos países socialistas, ou com sistemas políticos orientados pelos ideais socialistas, a “essência” humanizadora do jornalismo também não é plenamente assimilada.

Genro Filho (1987) propõe a criação, no campo ideológico, de uma “terceira via”, apoiada em uma forte formação marxista, atribuindo-lhe um caráter puramente revolucionário, conforme apresenta na introdução de sua obra: “o de ser uma forma de conhecimento que, embora historicamente condicionada pelo capitalismo, apresenta potencialidades que ultrapassam esse modo de produção”, (GENRO FILHO, 1987).

As discussões acerca do jornalismo são introduzidas pelo autor a partir do apontamento da defasagem existente entre a prática jornalística e as teorizações que giram em torno dela. Por isso, observa uma realidade presente não só no Brasil, como em outros países do mundo, que é o certo sentimento de oposição existente entre os jornalistas que dominam a teoria e os que atuam na prática.

Sua abordagem teórica do jornalismo parte de uma perspectiva da dialética marxista, orientando-se também por conceitos de “singular”, “particular” e “universal”; oriundos do pensamento de Hegel. Na medida em que se conceitua o jornalismo como atividade fundamentada no “particular”, amplia-se o pensamento à constatação de que a atividade surge como uma forma de conhecimento calcada na indústria moderna, mas que se torna indispensável ao aprofundamento da relação entre indivíduo e o gênero humano nas condições da sociedade futura.

1.1.1 O PAPEL FORMADOR DA IMPRENSA

De acordo com Genro Filho (1987), é possível a prática de um jornalismo de orientação marxista, denominado jornalismo “anti-burguês”. Essa “brecha” guiou nosso pensamento em direção ao que buscávamos inicialmente nesta dissertação, ou seja, encontrar alguma vertente do pensamento marxista, que levasse em consideração o papel transformador e formador da imprensa na sociedade moderna.

Tivemos de, num primeiro momento, apreender as afirmações da Escola de Frankfurt e, consequentemente, de um de seus criadores: Habermas. Em seguida, focamos nossos esforços também nas críticas de Genro Filho (1987) ao movimento, principalmente no que diz respeito à unilateralidade com que os frankfurtianos analisam a comunicação de massa e a reprodução artística, apenas sob o ângulo da manipulação.

Focamos nossa análise na pesquisa científica do jornalismo e na introdução da temática ambiental na sociedade, através da veiculação de notícias. Com isso, identificando um caráter didático nas informações. Tal característica ultrapassa a relação dominante x dominado, proposta pela Escola de Frankfurt. Genro Filho (1987) ocupa-se com a interpretação e crítica ao pensamento de Adorno, delineando uma espécie de miopia ou de ter-se ignorado outros aspectos da comunicação de massa.

O apregoado saudosismo e elitismo de Adorno em não perceber as potencialidades democráticas e a realidade contraditória, geradas pelos meios de comunicação de massa do Capitalismo moderno encontra suas premissas filosóficas nessa idéia de uma totalidade que jamais existiu e, não obstante, assumida como uma perda. A idéia de cultura como manipulação e do jornalismo como fenômeno redutível a sua forma mercantil, dotado de conteúdo essencialmente alienado e alienados, é uma das consequências teóricas dessa suposta unidade em processo de fragmentação radical e irresistível (GENRO FILHO, 1987, p. 2).

Existem dois aspectos fundamentais a serem considerados em relação a essas afirmações de Genro Filho (1987). O primeiro deles trata da “dispersão”, da “multiplicidade” e do “contraditório” existente tanto na arte e cultura, quanto na observação do jornalismo como uma atividade prática. O autor desconsidera

o pensamento frankfurtiano como uma apreensão maniqueísta, onde, de um lado está o capital e a economia de mercado detentora dos meios e, de outro, a massa, totalmente entregue às mensagens, informações e imagens transmitidas a ela.

A contribuição de Genro Filho (1987) se apresenta mais acentuadamente quando, além de identificar novas possibilidades para o acesso aos meios de produção artísticos e para comunicação de massa, concebe a notícia com potencial de formação e não simplesmente como um produto para manipulação coletiva. O autor considera que:

O pessimismo que emana das idéias de Adorno (e Horkheimer) não pode ser atribuído apenas a uma expectativa pessoal diante do curso da história. A posição de Adorno / Horkheimer sobre a cultura e a arte no Capitalismo avançado envolve um pessimismo crítico e humanista, cujos pressupostos estão contidos naquela idéia de uma totalidade cínica, que deve ser pensada sob a forma de uma totalização aberta e essencialmente negativa. Uma de suas consequências aparece no conceito de Indústria Cultural, sugerido por eles para caracterizar a cultura do Capitalismo moderno. Esse conceito pretende evitar a falsa impressão de que se trata de uma cultura democrática, feita pelas próprias massas, como poderia induzir a expressão cultura de massa (GENRO FILHO, 1987, p. 4).

O autor enumera problemas na caracterização do conceito de Indústria Cultural. O primeiro ponto abordado refere-se ao fato de “as potencialidades sociais da tecnologia serem apenas vagamente admitidas, mas não consideradas efetivamente na análise” (GENRO FILHO, 1987, p. 54). Trata de aspectos que não são levados em consideração por Adorno como: a universalização da cultura, a ampliação do acesso à arte e às informações, as possibilidades de uma democratização do processo cultural e as alternativas estéticas que surgem da base técnica.

Outra crítica sugere certo exagero de Adorno na indicação do poder de influência e abrangência do processo industrial da cultura, da arte e da informação. Neste sentido, firma sua posição crítica à interpretação de que o controle e a manipulação a que a Indústria Cultural submete as massas é quase “onipotente”.

1.1.2 HABERMAS: REORIENTAÇÃO PARA A TV E A INTERNET

O jornalismo ocupa lugar de destaque no cotidiano do homem moderno. A informação e o conhecimento se transformaram em condição indispensável para as relações, principalmente as econômicas. Atualmente, o homem se coloca diante de uma grande e variada gama de informações. Em pouco tempo, ele assimila o mundo ao seu redor sem as limitações físicas existentes no passado e se vê diante de uma nova realidade.

Com a popularização da informática, ele consegue ter acesso a informações sobre diferentes pontos do globo, sem se levantar da cadeira em frente ao computador da sua casa. Habermas (2006) reconhece a revolução provocada pela agilidade no fluxo das informações. Por isso, o autor desenvolve análise e estabelece paralelo entre o papel do intelectual na sociedade moderna e a relação deste com os meios de comunicação de massa.

Para ele, houve uma “reorientação da comunicação, da imprensa e do jornalismo escrito para a televisão e a internet”. O que “conduziu a uma ampliação insuspeitada da esfera pública midiática e a uma condensação ímpar das redes de comunicação. A esfera pública na qual os intelectuais se moviam como os peixes na água, tornou-se mais includente” (Habermas, 2006, p. 04). E assinala: “o intercâmbio é mais intenso do que em qualquer outra época”.

Habermas (2006) lança questionamentos sobre o papel da intelectualidade, defendendo a posição de que os meios de comunicação colocam em risco a existência da esfera pública e a função da categoria. Se a possibilidade de emitir opinião e ter as idéias amplamente divulgadas pelos novos meios está dada a qualquer um, qual seria o papel do intelectual?

De que maneira este elemento disposto na sociedade deve colocar suas elucidações para conseguir alcançar o resultado que deseja, ou seja, chamar a atenção das pessoas para determinado tema e, realmente, provocar a discussão? De acordo com o autor, a função democratizadora de tais ferramentas de comunicação apresenta aspectos controversos. Com a multiplicidade de canais,

Os intelectuais parecem morrer sufocados diante do transbordamento desse elemento vivificador. A Internet por um lado produz um efeito subversivo em regimes que dispensam um tratamento autoritário à esfera pública. Por outro lado, a interligação em redes horizontais e informalizadas de comunicação enfraquece ao mesmo tempo as conquistas das esferas públicas tradicionais, pois estas enfeixam no âmbito de comunidades políticas a atenção de um público anônimo e disperso (HABERMAS, 2006, p. 4-5).

Fortalecida pela difusão em massa, cada vez mais ampla e, ao mesmo tempo, corroída pela dispersão, a informação segue seu fluxo descontínuo. Ela chega até aos destinos por diversos caminhos. Seja qual for a origem, ela está sempre permeada de elementos, idéias e conceitos das mais diferentes orientações filosóficas, que são transmitidos por meio da notícia.

De acordo com Marx (1875), o organismo social vive sob constante luta de classes, notadamente pelo confronto dos interesses dos detentores dos meios de produção e aqueles que se valem apenas da comercialização da sua força de trabalho, os trabalhadores. Assim, o autor destaca:

Os burgueses têm razões muito fundadas para atribuir ao trabalho uma força criadora sobrenatural; pois precisamente do fato de que o trabalho está condicionado pela natureza deduz-se que o homem que não dispõe de outra propriedade senão sua força de trabalho, tem que ser, necessariamente, em qualquer estado social e de civilização, escravo de outros homens, daqueles que se tornaram donos das condições materiais de trabalho. E não poderá trabalhar, nem, por conseguinte, viver, a não ser com a sua permissão, (MARX, 1875).

1.2 MEIO AMBIENTE E A TEORIA DA AGENDA

A mídia pauta a sociedade. A premissa geral da *agenda-setting* traz a compreensão de que a veiculação de notícias sobre meio ambiente apresenta impacto sobre a forma como a sociedade entende, relaciona-se e posiciona-se sobre ao mundo à sua volta. Considerada como uma ferramenta complementar aos estudos dos efeitos em longo prazo da exposição humana à estrutura midiática, a teoria da agenda demonstra como o material informativo cria eixos temáticos, que passam a ser consumidos pelo público:

[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de comunicação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou

descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas, (SHAW apud WOLF, 2005, p. 143).

Em linhas gerais, a teoria da agenda não afirma que a mídia exerce influência na maneira como as pessoas formulam suas opiniões. Ela não diz o que se deve pensar; mas sobre o que se deve pensar. A característica peculiar ao processo de comunicação de massa justifica procedimentos cotidianamente observados nas redações. É constante o assédio aos jornalistas pelas assessorias de imprensa, movimentos sociais, órgãos de governo, líderes comunitários e organizações não governamentais, dentre outros.

Diariamente, os profissionais da notícia descartam dezenas e até centenas de conteúdos, realizando uma seleção entre o que será ou não exibido. Mesmo assim, afirma-se a necessidade de movimentos sociais, organizações não governamentais e órgãos ligados à questão ambiental dominarem e conhecerem o processo jornalístico e de produção da notícia para aproveitar melhor as oportunidades de incluir o tema na pauta de assuntos apresentados à sociedade.

Um exemplo de como a questão ambiental pode chamar a atenção da mídia são os eventos sobre o assunto. Tais conferências, seminários e audiências pautam a imprensa e esta, por sua vez, leva a informação às pessoas. Segundo Monteiro (1981), o início da dimensão mundial dada ao tema meio ambiente, por exemplo, pode ser considerado entre as duas primeiras conferências internacionais sobre o assunto, a de Paris em 1968 e a de Estocolmo, na Suécia, em 1972.

A partir dos anos 60, torna-se cada vez maior o número de pessoas, entidades, ONG's, órgãos de governo e demais segmentos da sociedade envolvidos diretamente com o assunto. Na Conferência de Estocolmo aproximadamente mil delegados de 122 países emitiram documento de 12 mil páginas. Para Monteiro (1981), entretanto, “todo este esforço para, ao final, atingir meras recomendações. Por isso mesmo, ela (a Conferência) é apenas um símbolo, um referencial para apontar-se na História deste século (século XX) o momento da eclosão da questão ambiental”. Segundo o autor,

[...] a proclamação de Estocolmo sobre ‘O direito universal de todos os povos aos recursos naturais da Terra’ é, sem dúvida, uma bela concepção, mas desprovida de qualquer sentido de realidade, pois que só poderia efetivar-se num quadro institucional de um ‘governo mundial’. Certamente é muito incômodo aconselhar restrições ao crescimento demográfico e utilização dos recursos naturais para fora de suas fronteiras, sobretudo quando isto é evocado em nome da qualidade do ambiente (MONTEIRO, 1981, pág. 20).

As discussões mundiais foram retomadas novamente 20 anos após a realização da Conferência Internacional de Estocolmo. Em dezembro de 1989, os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) foram convocados por meio da resolução 44/228 para a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Conforme aponta Ramos (1995), a convocação da ONU apresentava como ponto principal da conferência: a concepção de que o crescimento econômico e a proteção ambiental precisam ser considerados de forma integrada para que se possa, efetivamente, evitar que a deterioração do ambiente comprometa sua capacidade de manter a vida, bem como examinar estratégias para atingir níveis mais equilibrados de desenvolvimento entre as nações.

A conferência tinha como objetivo apresentar os elementos necessários para a criação de uma agenda com base na qual os países teriam metas a serem cumpridas para minimizar o impacto ambiental sobre o planeta. Conforme relacionou Ramos (1995), entre os principais pontos estão:

- 1) os recursos financeiros novos e adicionais para os países em desenvolvimento, com vistas a permitir-lhes integrar a dimensão ambiental em seus planos de desenvolvimento;
- 2) acesso dos países em desenvolvimento a tecnologias ambientalmente saudáveis;
- 3) fortalecimento das instituições dedicadas ao meio ambiente e dos órgãos ambientais em agências e instituições de desenvolvimento.

A dimensão do evento impressionou os mais de 7 mil jornalistas e técnicos de praticamente todas as regiões do mundo, escalados para a cobertura do evento. Segundo o autor,

[...] enquanto na Conferência de Estocolmo reuniram-se políticos, funcionários governamentais e peritos de 113 países, representantes de 250 organizações não governamentais e das agências especializadas das Nações Unidas; para o encontro do Rio de Janeiro previa-se a participação de 185 países, inclusive 112 chefes de Estado, 50 organizações não governamentais e 2 mil representantes de governos [...]; [...] a cidade do Rio de Janeiro preparava-se para receber cerca de 35 mil habitantes, além de uma programação de 200 eventos culturais, (RAMOS, 1995, p. 39).

A grande estrutura montada para a realização da Rio-92 e sua importância para minimizar os impactos da destruição do planeta também motivaram Ramos (1995) a aprofundar os estudos sobre o tema, durante a realização de mestrado, resultando na publicação da obra “Meio Ambiente e Meios de Comunicação”. Para analisar o comportamento da mídia e avaliar o número de matérias veiculadas (principais veículos impressos e emissoras de televisão do Brasil), o autor fez o monitoramento antes, durante e depois do evento.

Diante dos números e outros dados fornecidos pela observação científica, Ramos (1995) chegou à conclusão de que a publicação de temas relacionados ao meio ambiente vem recebendo uma cobertura isolada e fragmentada por parte dos grandes meios de comunicação de massa.

As lacunas existentes na veiculação de informações pela imprensa não são um problema enfrentado exclusivamente pela área ambiental. Distorções no conteúdo, fragmentação dos dados, problemas na interpretação dos fatos, além de outros erros graves rondam diariamente a produção jornalística, atingindo as mais diversas áreas. Esses erros, em parte, são justificados por uma série de fatores como a falta de preparo do jornalista, a rotina exaustiva e o ritmo frenético da produção. A característica que preocupa muitos pesquisadores, entretanto, diz respeito à espetacularização, especialmente às informações relacionadas à divulgação de material científico.

Para Siqueira (1999), a divulgação de informações científicas por meio do rádio, televisão, jornais impressos e outros meios é um procedimento que tem se tornado cotidiano. Na sua avaliação, tal tendência é positiva, principalmente, em países como o Brasil, “mas valendo para o resto do mundo, a tele-audiência une numa rede os indivíduos dissociados dos coletivos de

reminiscência, mas igualmente fora das esferas críticas e opinativas das formas institucionais de cidadania”, (Gómez *apud* Siqueira, 1999, p. 19).

O ponto crucial nesta relação ambivalente é a existência de “desencontros”, “fissuras”, “lacunas” entre duas linguagens totalmente diferentes. A divulgação científica requer a decodificação do discurso científico para a TV e este necessita ser traduzido para a um público heterogêneo desde analfabetos até pessoas da mais alta qualificação. O problema está nas mutilações constatadas nesta relação de troca. Para Siqueira (1999),

Se, com a especialização na área científica, ‘o homem comum’ tem cada vez menos acesso às últimas descobertas, os meios de comunicação de massa têm a possibilidade de promover a divulgação da ciência a um público muito mais vasto. O problema que se coloca é que a interlocução entre cientista e receptor é tão ‘mediatizada’ que o conteúdo veiculado perde suas características originais de objetividade e ganha outras difusas, menos precisas, o que compromete a divulgação da ciência e seu objetivo esclarecedor, (SIQUEIRA, 1999, p. 20).

Após a discussão de aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que envolvem a produção de notícias, o jornalista e o ambiente no qual estes profissionais trabalham (as redações), começaremos a adentrar no universo do nosso objeto de estudo: a TV Integração. Traçaremos um histórico da emissora com base em estudos acadêmicos realizados sobre a televisão bem como em informações disponibilizadas pela diretoria de Jornalismo. No próximo capítulo, abordaremos o meio ambiente sob o ponto de vista da degradação provocada por aspectos comportamentais inerentes ao homem na estrutura moderna capitalista.

capitulo

2

TV INTEGRAÇÃO, UBERLÂNDIA E O “MEIO”

O surto desenvolvimentista de Uberlândia, em meados do século passado, possui ícones. São símbolos das “lutas (da burguesia) por estradas pela viabilização do Distrito Industrial, por uma Universidade Federal, pela sede do 3º Batalhão de Infantaria, por sediar grandes centros armazenadores de grãos, por uma arquitetura faustosa de cimento armado, expressa pelo estádio de futebol, no shopping center e outros”, (OLIVEIRA apud MACHADO, 2002, p. 22).

2.1 INTEGRAÇÃO: HISTÓRICO E A TV DE HOJE

Nosso objeto de estudo, a TV Integração entrou no ar pela primeira vez em março de 1961⁹ e se tornou uma emissora afiliada da Rede Globo na década de 70. Segundo Temer (1998), a emissora entra como a terceira afiliada da Rede (as duas primeiras eram ligadas a Rede Paranaense de Televisão) e as primeiras imagens chegam em 15/04/1972. Em sua produção acadêmica, a autora registra as transformações ocorridas a partir da inclusão da TV Integração às afiliadas da Rede Globo.

Temer (1998) relata os investimentos feitos pela direção da TV para adquirir novos equipamentos e, assim, cumprir as exigências da Rede Globo. A reconstrução da história da emissora foi realizada pela autora com base na consulta de documentos como as matérias veiculadas pelo Jornal Correio de Uberlândia, pesquisa junto aos arquivos da televisão, busca de informações na Rede Globo e, principalmente, no depoimento de agentes (funcionários e ex-funcionários) da TV Integração.

Atualmente, a TV Integração é a principal emissora de televisão do Triângulo Mineiro. O grupo possui, no segmento televisivo, três emissoras e três unidades que compõem a chamada Rede Integração, de propriedade do empresário Tubal Siqueira. O complexo alcança população estimada em 3,1 milhões de habitantes nas regiões do Triângulo Mineiro, Pontal do Triângulo, Alto Paranaíba e Centro-oeste mineiro.

A adoção do nome TV e Rede Integração (veja mapa de cobertura na página 27) é uma mudança recente. A estrutura, entretanto, é praticamente a mesma registrada por Temer (1998). De acordo com a autora desde a década de 1990 a empresa trabalhava com diferentes razões sociais, sendo que a TV Triângulo em Uberlândia e a TV Pontal em Ituiutaba. A TV Jaguará, em Araxá, chamava-se Art TV. Havia também uma retransmissora em Uberaba, que

⁹ Na época, a TV Integração chama-se TV Triângulo. Segundo Temer (1998), “o movimento de emancipação do Triângulo, um dos fatores que inspiraram a criação da TV, entrou o ano de 67 em umas das fases cíclicas de maior destaque. Um congresso emancipacionista foi realizado em Araxá, distante cerca de 200 km de Uberlândia, e obteve ampla cobertura da TV Triângulo, a ponto de movimentar quase toda a equipe do jornalismo”.

funcionava como sucursal de Araxá. Atualmente, sob o nome Rede Integração, fazem parte do grupo:

- 1) TV Integração, com conteúdo local, produzido e gerado (transmitido) a partir de Uberlândia.
- 2) TV Ideal, em Ituiutaba, com conteúdo local, produzido e gerado em Ituiutaba.
- 3) TV União, em Araxá, com conteúdo local, produzido e gerado em Araxá.
- 4) Unidade em Uberaba, com conteúdo local, produzido em Uberaba, mas gerado em Ituiutaba.
- 5) Unidade em Divinópolis, com conteúdo local, produzido em Divinópolis, mas gerado em Araxá.

A redação da TV Integração, em Uberlândia, conta com a produção diária de 23 jornalistas, que são divididos em turnos e equipes de trabalho. Tal estrutura dá à emissora o status de possuir a maior área de cobertura e contar com poderosa estrutura jornalística em relação às concorrentes¹⁰ em Uberlândia: TV Vitoriosa, TV Paranaíba e TV Universitária (Educativa).

A TV Integração de hoje ocupa parte da programação da Rede Globo com a transmissão de programas jornalísticos locais. Diariamente, a emissora veicula os MGTV 1^a e 2^a edição e o Globo Esporte. Aos sábados, vai ao ar o programa “Bem Viver”, revista eletrônica, com veiculação predominantemente de entrevistas e algumas matérias, que abordam temas relacionados à saúde e qualidade de vida.

¹⁰ Emissoras de TV aberta com unidade/sede em Uberlândia.

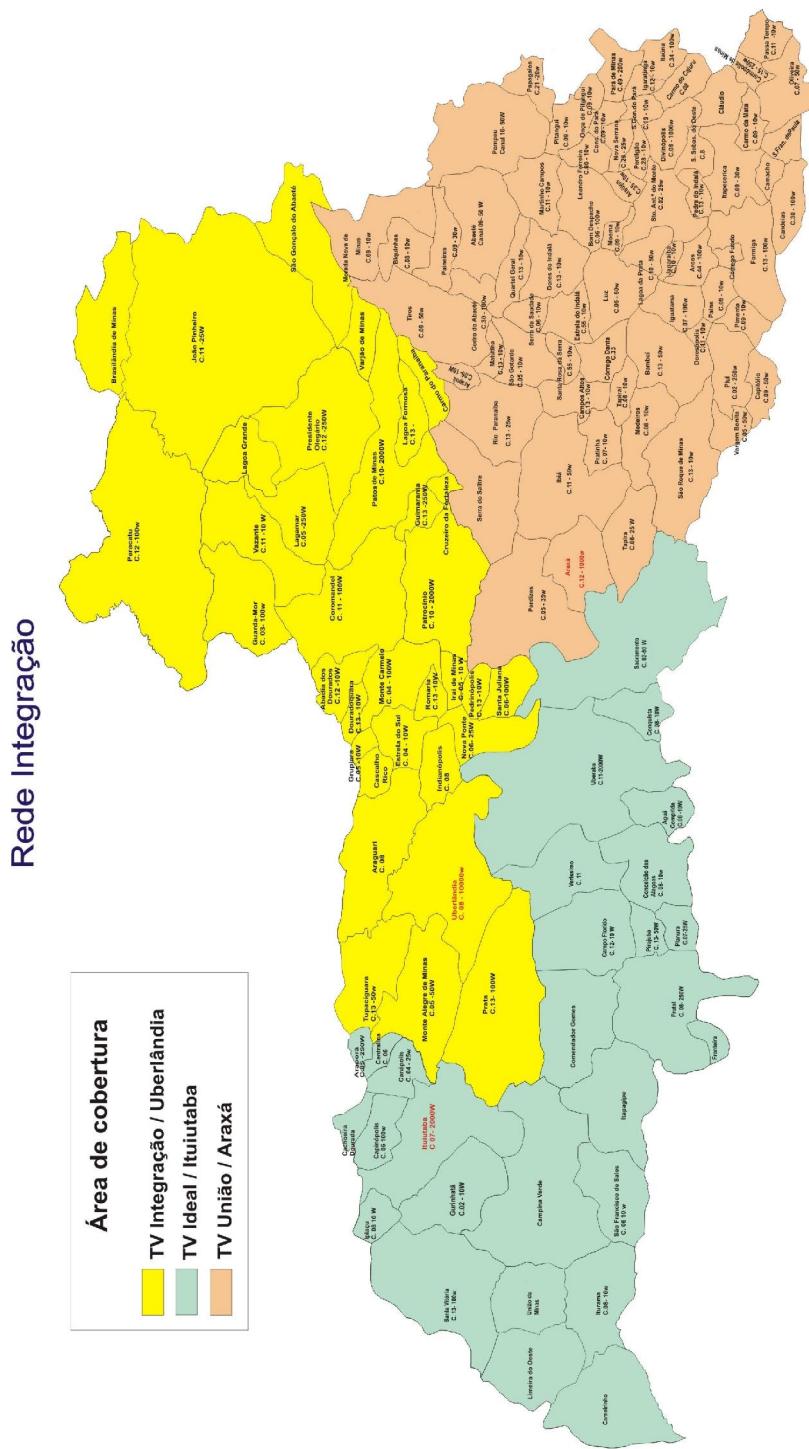


Figura 2 – Mapa da área de cobertura TV Integração, emissoras e unidades da Rede Integração, em Minas Gerais.
Fonte: Rede Integração/2006.

De acordo com Temer (1998), a “compactação” da programação local – característica ainda presente no conteúdo da emissora - foi uma das principais consequências da filiação da emissora à Globo. Diante do novo cenário, o jornalismo passou a ter grande importância, uma vez que tornou-se o único espaço onde é possível, para a população de Uberlândia e região, se ver na programação da TV Integração/Rede Globo.

O velho esquema (condição de emissora independente) esconde, no entanto, uma diferença fundamental. A programação da Rede Globo vem compacta, sem espaço – ou com espaço restrito – para a produção local. Uns poucos programas locais vão aparecer ocasionalmente... O espaço para a programação local passa então a ser basicamente o telejornalismo, (TEMER, 1998, p. 149).

Outro aspecto importante é a adoção do Padrão Globo de qualidade, com implicações que ultrapassaram a compra de novos equipamentos. O formato da programação (do jornalismo também) passou a ser estruturado de acordo com a orientação da Rede Globo. Essas determinações tiveram implicações sobre as emissoras afiliadas de todo o País. Sendo assim, o MGTv visto em Uberlândia possui o mesmo formato do telejornal local, exibido pelas demais afiliadas da Globo em outros estados e/ou regiões de todo o País.

O chamado Padrão Globo exerce influência, principalmente, na maneira como os jornalistas definem seu trabalho. Tal característica poderá ser percebida na similaridade das respostas dos questionários aplicados nesta pesquisa, conforme será observado no capítulo 3.

3.2 UBERLÂNDIA: CIDADE DA “ORDEM E PROGRESSO”

Ao longo dessa pesquisa buscamos reconstruir alguns elementos referentes à cidade de Uberlândia, municípios que abriga a sede da emissora de televisão pesquisada. Por diversas vezes, nos deparamos com a identidade de uma cidade economicamente ativa, de grandes obras da engenharia, dinâmica e com oportunidades de trabalho.

Alguns aspectos referentes à cidade se tornaram mais claros como sua busca incessante pelo crescimento, privilegiando determinados aspectos em

detrimento de outros, e a maneira como esse processo foi influenciado pela ideologia da classe dominante, a burguesia regional.

Para Oliveira (2002), alguns fatores contribuíram para o desenvolvimento do Município. O principal deles foi o crescimento econômico brasileiro, registrado em meados do século passado com a industrialização do País. O autor calça sua análise na contextualização histórico-econômica do Brasil, desde o fim da escravidão em 1888 até abertura do País ao capital internacional, na primeira metade do século XX. Ele relata a maneira como a formação deste cenário macro-econômico criou um ambiente que interferiu diretamente no que se tornou Uberlândia: a maior cidade do Triângulo Mineiro e uma das mais importantes do interior do País.

Em sua análise do desenvolvimento das cidades de médio porte, com enfoque em Uberlândia, Oliveira (2002) analisa os reflexos da acumulação do capital pelas burguesias nacional e internacional, com o aval do Estado, sob a urbanização nacional. Para ele,

[...] a formação das principais áreas metropolitanas brasileiras foi acompanhada do surgimento de uma série de contradições sociais e políticas específicas que apareceram na forma das distorções urbanas conhecidas, por exemplo, por cidades como São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, entre outras, (OLIVEIRA apud MOÍSES (org.), 2002, p. 16).

A partir da década de 1950, no entanto, registrou-se o “desenvolvimento das cidades médias, ao atuarem como pontos eficientes de apoio a um amplo processo de descentralização urbano-industrial” (OLIVEIRA 2002, p. 17). Mas o modelo de desenvolvimento dessas cidades de médio porte, seguiu o mesmo padrão dos grandes centros urbanos? De acordo com o autor, não havia (até 2002) nenhum trabalho que discutisse a questão. A imagem dos municípios médios, por outro lado, passava a idéia de espaços harmônicos, organizados e bem estruturados.

Pode-se ter pensamentos otimistas [...] em muitas cidades brasileiras. Uberlândia, 350.000 habitantes, fincada no Triângulo Mineiro, é apenas uma delas – mas destaca-se fortemente dessa família feliz de aglomerados urbanos por um conjunto de fatores que a transformou numa síntese do bom interior.

[...] No centro de um pólo formado por seis capitais brasileiras, a mais próxima delas é Goiânia, a 400 quilômetros de distância, Uberlândia vive fora do círculo de crise econômica e social que hoje

se aperta em torno da maioria das cidades do país. Em Uberlândia, é quase inacreditável, não existem mendigos. Em vez de desemprego, ali há vagas em oferta em muitas empresas, inclusive de construção civil, que desconhecem o garrote que asfixia suas congêneres no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e outras. Uberlândia detém uma das mais baixas taxas de mortalidade infantil do país, distribui água fluoretada a toda população e coleciona índices de segurança que fazem inveja a qualquer centro urbano [...]. Trigésima quarta cidade brasileira em população, é a décima segunda em arrecadação de impostos – um desempenho que deixa para trás dezesseis capitais do país e representa uma média de contribuição por habitante e nove vezes superior à brasileira. Além de tudo isso, Uberlândia ainda dá aos seus moradores aquele tipo de tranquilidade que só se encontra no interior, (OLIVEIRA *apud* SPARTACUS E GOMES. Crise à distância. Revista Veja, 18 de novembro de 1987, pp. 66-67).

Diversos fatores contribuíram para a formação desta imagem de Uberlândia. Antes de fechamos essa questão, gostaríamos de lembrar os fatos que influenciaram o desenvolvimento do Município. Oliveira (2002) cita a inclusão do Triângulo Mineiro na economia nacional, a partir de elementos como: a construção da Mogiana em 1895, ligando a região aos estados de Goiás (passando por Araguari – foto abaixo) e São Paulo, além do início do processo que interconexão da cidade com diversos pontos do País pela malha rodoviária; iniciado com a construção da ponte Afonso Pena, no Rio Paranaíba, ligando Minas e Goiás.

A construção de Brasília, na década de 1950, selando definitivamente a posição estratégica da cidade como entreposto, rota de passagem entre o centro financeiro industrializado (São Paulo e Rio de Janeiro) e o poder central e político do País no Planalto Central. Entretanto, o posicionamento da burguesia diante desses processos foi o grande elemento responsável pela industrialização e o crescimento de Uberlândia. Para chegar a essa conclusão, Oliveira (2002) orientou seus estudos em documentos como atas das sessões da Câmara Municipal e da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (Aciub), entidade de defesa dos interesses burgueses.



Figura 3 – Estação Mogiana no Município de Araguari, em 1942, ponto interligado à cidade de Uberlândia, no caminho ao estado de Goiás.

Fonte: Arquivo Público Municipal / Prefeitura Municipal de Araguari.

O cruzamento das informações apontou a forte interligação entre política e empresários, na defesa dos “interesses de Uberlândia”¹¹. Também foi na década de 50 que essa elite desenvolveu uma intensa movimentação para trazer indústrias ao município. Naquela época, o ex-prefeito Virgílio Galassi, então vereador, era um dos políticos mais arrebatados pelo objetivo de atrair investimentos e, assim, fomentar o desenvolvimento.

Nós buscávamos as indústrias. Pegávamos a laço. Nós tínhamos um grupo viajando constantemente. Levávamos filmes sobre Uberlândia. Chegamos a fazer reuniões de grande expressão, inclusive em Porto Alegre. Estivemos com mais ou menos cinqüenta industriais na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul. Com filmes, projetos, slides, isso foi feito no Brasil inteiro. Viajamos milhares e milhares de quilômetros. Foi um esforço extraordinário, (OLIVEIRA *apud* SILVA, 2002, p. 31).

Os esforços burgueses para solidificar e diversificar a economia local ganhou sustentação no discurso que minimizava as tensões sociais. O lema de influência positivista “ordem e progresso” passou a ser utilizado pelos empresários locais como forma de legitimar a percepção de Uberlândia como uma cidade ordenada e sem conflitos. Por meio da análise desses discursos, o

¹¹ Autor refere-se a projetos considerados prioritários para a cidade; geralmente obras de grande porte que deram o tom de desenvolvimento de Uberlândia no século passado, mantendo a cidade em posição de destaque em relação aos demais municípios da região.

autor identificou momentos em que o conceito é defendido publicamente à sociedade.

Segundo Oliveira (2002, p. 21), o lema “ressaltando a ordem e o progresso da sociedade como interesse de todos – e não de um grupo ou classe social – e valorizando o trabalho como meio justo de produção de riqueza, a burguesia produz um discurso ideológico onde a desigualdade social é escamoteada”.

Desta maneira, conseguiu-se direcionar o foco da opinião pública para apenas um aspecto do desenvolvimento, sem a devida abordagem das questões ambientais envolvidas no processo, mesmo com a iminente alteração do meio natural. Mudança essa que seria provocada, principalmente, pela instalação de novas indústrias na cidade e aumento da população, impulsionado também por dinâmicas como a criação de empregos e de uma Universidade Federal.

2.2.1 PRIMEIRO AS INDÚSTRIAS, DEPOIS O MEIO

No final da década de 1950, o engajamento da elite überlandense em torno da instalação de um Distrito Industrial no município, ilustra um pouco da forma como seu desenvolvimento foi conduzido. Primeiro era necessário assegurar a vinda de mais fábricas, que se traduziriam em investimentos e empregos. O desenvolvimento se solidificou, alterando a paisagem de maneira imponente e dando o tom do discurso do “El Dorado” do Triângulo.

Como consequência dessas articulações, em 1965 foi inaugurada a Cidade Industrial de Uberlândia. A solenidade contou com a presença do ex-presidente da República, Castelo Branco. A conquista, em meio a um clima de disputa entre Uberlândia e a cidade vizinha Uberaba, não teve implicações diretas sobre a questão ambiental, ainda ignorada pela elite local. Segundo Oliveira (2002), somente em 1972 o assunto é citado oficialmente:

Em suma, a industrialização de Uberlândia divide-se em duas fases principais: a Cidade Industrial e o Distrito Industrial – sendo esse último administrado pela CDI. Na primeira fase, não havia normas de ocupação de solo, e por isso as indústrias foram implantadas sem um planejamento adequado. Isso mudou a partir de 1972, com a administração da CDI, (OLIVEIRA *apud* SILVA, 2002, p. 31).

A partir desta data, começam a aparecer regras sobre o uso e ocupação do solo, que tentam estabelecer o primeiro esforço em direção a uma política municipal no relacionamento das atividades econômicas locais com o meio ambiente.

Depois de 1972, o empresário só pode construir em 50% de sua área. No restantes 50% é obrigatória a arborização. O sistema atende a problemas de estacionamento e ecológicos. O projeto arquitetônico deve ser antes aprovado pelo departamento de engenharia da CDI mediante a adequação a normas previamente estabelecidas, (OLIVEIRA *apud* SILVA, 2002, p. 32).

Depois de entender nossos principais objetos de estudo nesta dissertação (o jornalismo, a TV Integração e Uberlândia), ampliamos nossa análise para abordar os diversos aspectos do tema meio ambiente. Partimos de pontos universais como a relação entre as pessoas na modernidade, a sociedade atual e o comportamento humano. Novamente, nos deparamos com desdobramentos do sistema econômico sobre o assunto, aqui em análise: o meio ambiente. Alguns autores abordam a temática ambiental, no contexto das transformações impostas pelo capitalismo.

Na fase atual capitalista, as práticas econômicas, um aspecto particular das demais práticas sociais, modificam o espaço físico na condição de valor de uso e de valor de troca, gerando uma dinâmica de mercado em torno do próprio espaço, dinâmica essa que inclui a produção de bens materiais e a adequação do meio ambiente circundante às necessidades sociais. Na sociedade capitalista moderna, que é uma sociedade estratificada, essa transformação se dá no contexto dos interesses de grupos sociais que dirigem uma forma de produção fundamentada no progresso técnico. Assim sendo, tanto o sistema produtivo instituído, como a tecnologia e as adaptações ambientais são orientados aos fins da acumulação, (BERNARDES e FERREIRA, 2003, p. 25).

Buscamos compreender a intervenção humana sob o espaço que nos cerca. Consideramos que estudo do comportamentais, por exemplo, são fundamentais para analisarmos nossa participação política em uma sociedade que se orienta por uma busca, quase insaciável, por novos caminhos que contribuam para a solução dos inúmeros problemas que afigem o homem contemporâneo.

Uma das constatações mais evidentes é a de que a modernização da sociedade, desde os primórdios do século XX, tem deteriorado constantemente

e cada vez mais a qualidade de vida das pessoas, num processo gradual que leva-nos à individualização e consumo. Este processo encontra alicerce no paradigma de desenvolvimento, que se move em direção a um ambiente de vida insustentável e de crescente exploração dos recursos naturais existentes no planeta.

Pesquisa publicada por Wackernagel e colaboradores (apud VLEK, 2003, p. 5), revela que a demanda humana já pode ter excedido a capacidade regenerativa da biosfera desde a década de 80 no que se refere à área da terra biologicamente reproduutiva e a água necessária para produzir os recursos consumidos, assim como, assimilação dos resíduos gerados. Para Vlek (2003), o conflito entre a individualidade e o coletivo, resultante dos efeitos negativos da globalização e de um crescimento econômico irracional, tem levado a sociedade atual a mover-se cada vez mais em direção a uma qualidade de vida insustentável para todos os indivíduos.

Para esse autor, na sociedade industrial moderna, a maioria das pessoas em todas as partes do mundo, a despeito de todo o conforto existente, ainda passa por grandes dificuldades, consequência de um comércio injusto, ausência de governo democrático e climas pouco favoráveis, tornando, em suas palavras, “qualquer grande projeto para a sustentabilidade bem difícil de preparar, organizar e realizar” (p.5). Ainda de acordo com Vlek, o comportamento do homem moderno é caracterizado pelo desejo dos indivíduos em “evitar esforço, impressionar os outros e/ou confirmar a sua própria autonomia” (Id., 2003, p.5-6).

Uma alteração dos impactos coletivos nocivos para a sociedade requer mudanças de padrões de comportamento com esforços integrados de seus diferentes setores. À medida que aumentam a produção material e os padrões de consumo, aumentam também os riscos coletivos colocando a sustentabilidade numa frágil posição.

Rivlin (2003) convida-nos à reflexão sobre a necessidade de um ambiente de sobrevivência provocado por novas tecnologias, incremento da decadência urbana, desastres naturais e causados pelo homem, mudanças ecológicas profundas e aumento e crescimento populacional. Tudo isso impõe ao homem desafios rescentes ao longo dos últimos anos, cujo enfrentamento requer uma perspectiva interdisciplinar considerando-se a indissociabilidade

das questões culturais, econômicas e políticas sobre o meio ambiente e qualidade de vida.

Nas últimas três décadas do século XX, a discussão sobre o meio ambiente intensificou-se, ganhando posição de destaque diante da crise econômica e social. Segundo Ribeiro e Brito (2003, p.18), os problemas registrados neste período geraram “conseqüências destruidoras não somente para o meio ambiente, para a paisagem natural, mas também para a esfera moral, a ordem social e a saúde humana”.

De acordo com esses autores, o discurso da sustentabilidade se contrapõe à Teoria do Desenvolvimento tradicional tendo como perspectiva uma correção no rumo deste último. Contudo, a diversidade de conceitos e as práticas decorrentes de variadas representações e valores tornam difícil a operacionalização de um desenvolvimento sustentável transformando eficiência econômica, prudência ecológica e justiça social em frágeis conceitos.

Apesar de todos concordarem que os modelos de desenvolvimento e estilo de vida esgotaram-se, tornando-se insustentáveis, não se adotou ainda medidas eficazes para a transformação do quadro atual. O aumento da produtividade e a maximização do lucro vêm sendo encarados como cerne da maioria dos males da sociedade. Nesse aspecto, Ribeiro e Brito enfatizam que:

Uma forma de se contribuir para o debate sobre desenvolvimento é identificar as transformações que ocorrem no interior da modernidade, a qual não realizou as promessas de progresso infinito, e entender a convivência com os riscos que, agora, não são somente os advindos do mundo natural, mas principalmente aqueles humanamente criados, ou seja, o risco artificial que fugiu ao controle do homem, (RIBEIRO E BRITO, 2003, p. 09).

Para Alencastro et al (1986), há uma apropriação distinta dos bens de consumo coletivos pelas diferentes classes sociais ocorrendo freqüentemente convivência das administrações públicas com ocupações do solo urbano de modo indiscriminado, sem planejamento, com vistas ao lucro, acarretando graves conseqüências à sustentabilidade das cidades.

O desenvolvimento sem um projeto voltado para a sustentabilidade ampliada e progressiva aumenta a degradação do meio ambiente, a pobreza e as desigualdades, comprometendo as gerações futuras. A produção de bens de consumo e serviços provocou expressivas e rápidas transformações nos

centros urbanos, cuja intensificação do crescimento demográfico, com movimentos migratórios cada vez mais acentuados pela saída da população de centros menores e do campo, ocasionou graves problemas, principalmente, no que se refere à habitação, circulação, abastecimento e questões ambientais.

Desde então, esse processo vem ocorrendo, evidenciando a necessidade de vários segmentos sociais reavaliarem os conceitos de desenvolvimento e crescimento, tendo como foco a análise das consequências do capital especulativo sobre a qualidade de vida das pessoas. Backer (1995) refere-se aos modelos de gestão empresarial mal adaptados à aceitação da responsabilidade em relação ao meio ambiente, atuando de forma defensiva, tendo como objetivo garantir a qualquer preço suas metas lucrativas.

Os modelos atuais de gestão urbana e dos setores empresariais demonstram serem incapazes de criar estratégias tanto sob o ponto de vista da organização da função do meio ambiente quanto da sensibilização e formação de valores decorrentes de uma análise profunda dos paradigmas atualmente existentes. A sustentabilidade então está inexoravelmente associada à redefinição de valores e padrões de desenvolvimento capazes de frear o crescimento populacional e, consequentemente, o consumo pelo qual um planejamento industrial, baseado em uma nova dimensão qualitativa de desenvolvimento, alie, de forma harmoniosa, processos sócio-econômicos, recursos naturais e a estabilização da população em patamares condizentes com a capacidade de carga do planeta.

Crescimento significa ter mais gente sobrando, pouquíssimos recursos para cada um, o que evidencia, portanto, a impossibilidade de crescimento e desenvolvimento concomitantes. Santos (2004) ressalta a importância de a comunidade aprender sobre suas deficiências, identificando inovações, forças e recursos próprios para se alcançar a sustentabilidade. Para ela, não existe uma lista de coisas a serem feitas, havendo, sim, uma série de atividades, ferramentas e abordagens que podem ser utilizadas pelas autoridades locais e seus parceiros tendo em vista as prioridades e circunstâncias existentes.

A sustentabilidade, ainda segundo essa autora, requer uso racional dos recursos, promoção do desenvolvimento econômico sustentável, melhoria das condições de saúde e qualidade de vida da comunidade, melhoria do acesso a serviços e no setor de trânsito e transporte, sustento e lazer, controle de

qualidade do ar, gestão da água e esgoto, gestão dos resíduos sólidos, planejamento do território, avanços nos setores de educação, empregos, alimentação, planejamento familiar e dos processos migratórios.

Nesse aspecto, torna-se fundamental que cada indivíduo seja um agente gestor capaz de identificar sua responsabilidade enquanto ser social membro da coletividade, com comprometimento e envolvimento pessoais e que suas ações, em conjunto, provoquem impactos que extrapolam o “aqui-e-agora” e o espaço individual.

Para todas as metas que venham a ser definidas, há necessidade da elaboração de uma escala de valores em que cada um seja capaz de exercer sua liberdade, utilizando os recursos ambientais existentes, convivendo em sociedade e pautando-se nos limites que a convivência humana harmoniosa requer, com respeito ao espaço do outro e pessoal. Tal constatação leva-nos à necessidade de discutir-se um novo modelo de pensar, requerendo, portanto, uma abordagem sobre a construção dos valores e sua relação com o comportamento humano, assim como, processos utilizados para sua transformação, os quais serão tratados nos tópicos a seguir.

2.3 A NECESSIDADE DA MUDANÇA DE VALORES

Primeiramente, faz-se necessário ressaltar que a discussão sobre comportamento humano e mudança de valores passa, obrigatoriamente, pela correlação entre objetivos individuais, valores grupais e a cultura. Ballachey et al (1975, pág. 407), ao abordarem essa questão, afirmam que, embora haja estreita relação entre valores do grupo e objetivos individuais, existe, ao mesmo tempo, “lugar para grande desvio individual com relação aos valores do grupo”, sendo o comportamento regulado por normas culturais. Para esses autores, tais normas são regras ou padrões aceitos pelos membros de uma sociedade, especificando comportamentos apropriados ou inadequados, com recompensa ou punição para ambos, em que costumes são apontados como normas de importância vital para a sociedade.

Tais pesquisadores evidenciam o nível estatisticamente insignificante da correlação entre os objetivos individuais e valores de grupos aos quais o indivíduo não pertence. Esse fato talvez explique a grande dificuldade de

alteração dos padrões de conduta e modos de pensar referentes à coletividade e bem-estar da população em geral, ou seja, os inúmeros entraves em transitar da esfera particular para o coletivo.

Papalia e Olds (2000), ao estudarem o comportamento e o desenvolvimento humanos, atentam para a importância de se analisar cada indivíduo em um contexto múltiplo para compreensão dos impactos dos diversos ambientes pelos quais circunda em sua estrutura pessoal. Desde a mais remota idade, o ser humano é formado pelas influências micro e macrosistêmicas que vão desde os relacionamentos cotidianos domiciliares, passando pelo sistema educacional, laboral, social, padrões culturais abrangentes como crenças, ideologias e sistemas político-econômicos.

Porém, embora as crenças e costumes dentro dos quais fomos criados exerçam grande influência sobre nossos modos de pensar e agir, sabe-se que o fato de termos ciência sobre o que a sociedade espera que cada um de nós faça não garante que nossa decisão será pautada nisso. O agir humano está intrinsecamente ligado a aspectos motivacionais voltados para sua sobrevivência e qualidade de vida. O aspecto acima abordado é corroborado por Pegoraro, ao frisar que:

O agir humano é intrinsecamente diferente do agir de um animal... O homem responde pelo que faz – este é um elemento constitutivo do ato ético. Portanto, o agir humano não é um processo bioquímico ou mecânico; o homem não é um computador sofisticado e programado para se comportar de determinado modo e para viver tanto tempo. Ele é um agente livre e responsável pelas suas ações: é um agente moral. Sua ação é sempre motivada. (PEGORARO, 2002, p. 25)

Vlek (2003), ao discutir globalização e qualidade de vida sustentável, enumera as razões que levam o indivíduo a agir de determinado modo, muitas vezes, mobilizado por interesses pessoais em detrimento do bem coletivo uma vez que, na maioria dos casos, a sociedade é movida pelos benefícios do “aqui-e-agora”, podendo por isso não reconhecer os riscos de determinadas ações e *modus vivendi*.

Segundo este autor, as pessoas não estão cientes de qualquer dano coletivo, não acham que o risco coletivo de longo prazo seja suficientemente sério em relação aos inúmeros benefícios em curto prazo ou porque, apesar de saberem do risco coletivo, acham que pouco pode ser feito a respeito, diante

da falta de alternativas viáveis e/ou falta de confiança na cooperação dos demais.

Mudança de comportamento, portanto, requer alteração de valores, modificação de atividades diárias, alteração nos padrões de consumo e na natureza e intensidade das interações sociais, com aceitação ou rejeição de políticas inovadoras voltadas para o fortalecimento de um sistema sustentável de desenvolvimento. Estudos voltados para o campo da competência e habilidade social consideram as diferentes dimensões que envolvem a construção do comportamento humano como sendo a mesma erigida a partir do contexto família, contexto escolar, grupo de amigos, meio ambiente e avanços tecnológicos, tendo estes últimos, principalmente através dos meios de comunicação, papel relevante na formação e comportamento social dos indivíduos.

Partindo desse ponto de vista, afirmamos que programas de modificação comportamental passam, necessariamente, por uma transformação do ambiente que nos cerca, com geração de alternativas que requerem a consideração das consequências dos próprios atos, promovendo a capacidade de perceber que as próprias motivações e a dos outros têm continuidade com relação a fatos do passado e nos auxiliam a compreender a situação presente e elaborar ações com vistas à qualidade de vida futura.

Dentre as estratégias gerais apontadas por Vlek (2003), para mudança de comportamento quanto aos dilemas enfrentados pela globalização e sua influência na qualidade de vida sustentável, estão a regulamentação/execução (promulgação de leis, regras, estabelecimento e execução de padrões e normas); estimulação econômico-financeira (recompensas, multas, impostos, subsídios e obrigações); provimento de informação, educação e comunicação (sobre geração de riscos, tipos e níveis de risco, intenções dos outros e estratégias de redução de risco); modelamento social e suporte (demonstração de comportamento cooperativo, eficácia dos outros); mudança organizacional (privatizar recursos, instituir lideranças); modificação de valores e moralidade (apelar à consciência, incrementar “altruísmo” em relação aos outros e às gerações futuras); esperar para ver (“não faça nada, o cais guiará o navio”).

As estratégias chamadas estruturais (regulamentação/execução, estimulação econômico-financeira e mudança organizacional) são em geral, segundo Vlek:

[...] mais eficazes, mas com freqüência não estão disponíveis ou não são de fácil implementação [...] uma nova estrutura física pode não ser eficaz porque as pessoas evitam ou começam a utilizá-la em excesso. Regulamentação legal também pode não funcionar porque as regras são desconhecidas ou porque sua execução é percebida como violando os direitos civis adquiridos. Políticas envolvendo preços podem ter efeitos inesperadamente fracos porque as pessoas não sentem o aumento de preço suficientemente impactante em suas carteiras, ao passo que preços com tal impacto seriam politicamente inaceitáveis (VLEK, 2003, p. 09).

Feitas essas considerações, o autor ressalta que o caminho mais adequado seria a utilização de várias estratégias de mudança de comportamento, combinando as soluções estruturais com modificação de valores e moralidade, assim como, modelamento social e preparação para auto-regulação.

A estratégia “esperar para ver” torna-se obviamente inapropriada pelo fato das mudanças comportamentais serem muito pequenas e ocorrerem tarde demais. Verdugo e Pinheiro (1999), discutindo os impactos de estratégias punitivas na modificação do comportamento, afirmam que o oferecimento aos sujeitos de retro-alimentação contínua sobre consumo de energia elétrica, assim como, multas de consumo excessivo de água, produziram diminuição no consumo.

Porém, ainda que a punição sobre comportamentos antiecológicos consiga algum resultado sob seu controle, a mesma não se mostra eficiente uma vez que há uma dependência dos sujeitos de controles externos, tornando-se de pouca utilidade prática. Além disso, um comportamento pró-ecológico dependente de um estímulo reforçador ou de uma consequência comportamental torna-se frágil, propiciando facilmente o retorno aos antigos padrões de comportamento.

Tendo em vista os aspectos aqui abordados referentes às variáveis intervenientes na constituição do comportamento humano e às estratégias possíveis para sua modificação no que diz respeito ao meio ambiente e sustentabilidade, a discussão em torno de inovações do modelo de pensar da população que viabilize e torne realidade o desenvolvimento sustentável,

passa, necessariamente, por uma abordagem sistêmica, englobando pontos importantes da ética e gestão ambiental. Desse modo, serão feitas algumas considerações das quais não se pode prescindir.

2.3.2 O CONSUMISMO E A QUESTÃO ÉTICA

Deparamo-nos, hoje em dia, com uma nova ameaça à nossa sobrevivência. A proliferação de seres humanos, aliada aos subprodutos do crescimento econômico, é tão capaz de varrer do mapa a nossa sociedade quanto foram às velhas ameaças - e não apenas a nossa sociedade, mas todas as outras. Não se desenvolveu ainda nenhuma ética capaz de enfrentar essas ameaças. (SINGER, 1994, pág. 300).

Essa observação de Singer (1994) deixa clara a necessidade premente da sociedade contemporânea de desenvolver uma nova ética ambiental capaz de promover o estabelecimento de valores que levem, segundo ele, a comunidades estáveis e duradouras. Para esse autor, porém, os princípios éticos mudam lentamente e a necessidade por uma nova ética ambiental é imediata.

Esses novos parâmetros éticos, com modificação dos valores atuais, considerariam virtuosos a existência de famílias menores, a apreciação de lugares naturais não devastados pelos homens, a consideração dos interesses de todas as criaturas, o aproveitamento e a reciclagem de recursos, a redução de padrões de consumo; e consideraria duvidosas ações prejudiciais ao meio ambiente.

Uma nova ética ambiental passa, necessariamente, segundo Singer, por uma rejeição dos ideais de uma sociedade materialista “na qual o sucesso é medido pelo número de bens de consumo que alguém é capaz de acumular” (SINGER, 1994, pág. 302). Esse novo modelo de pensar relaciona-se então à valorização de tudo que diz respeito à vida, colocando em prática o respeito tanto às questões individuais quanto às coletivas, ampliando as fronteiras do “eu”, considerando como boas ações que visem não só a preservação das espécies como também a compreensão de que isto está atrelado à preservação dos sistemas ecológicos e preocupação com a biosfera.

Leroy (2001), ao tratar de ecologia, economia e ética como pressupostos do desenvolvimento sustentável, analisa a crise pela qual passa esta última como decorrência de um mundo urbanizado e individualista, onde a noção de próximo é sufocada pela “mão de ferro do mercado”. Sob esse prisma, a consolidação do capitalismo tornou o indivíduo o centro da ética em detrimento do coletivo. Para ele, o futuro encontra-se na reconciliação do coletivo com o individual, tendo como pré-requisito mudanças no poder instituído capaz de romper com os padrões atuais de desenvolvimento.

Backer (1995) refere-se aos modelos de gestão urbana e dos setores empresariais que têm se mostrado incapazes de criar estratégias tanto sob o ponto de vista da organização da função do meio ambiente, quanto da sensibilização e formação de valores decorrentes de uma análise profunda dos paradigmas atualmente existentes.

O crescente aumento populacional e a expansão dos centros urbanos têm exigido cada vez mais ações que promovem o desenvolvimento sustentável, com riscos do comprometimento da qualidade de vida de gerações atuais e sobrevivência das futuras gerações.

2.4 AQUECIMENTO GLOBAL, A NOTÍCIA DO MOMENTO

A visão minimalista e estratificada da questão ambiental pela imprensa já foi abordada anteriormente nesta dissertação. Neste ponto, entretanto, trabalhamos com alguns temas que, atualmente, são recorrentes na pauta midiática. Destacamos dois assuntos específicos: o aquecimento global, o chamado “efeito estufa”/catástrofes naturais; e a devastação da floresta amazônica.

A incorporação destes temas à pauta midiática atende às estratégias gerais apontadas por Vlek (2003), para mudança de comportamento quanto aos dilemas enfrentados pela globalização e sua influência na qualidade de vida sustentável. Segundo o autor, a divulgação de informações é uma estratégia fundamental para se evitar situações geradoras de riscos (autor se refere aos riscos da atividade humana provocar danos irreversíveis ao meio ambiente), seus tipos e níveis, bem como a adoção de estratégias para reduzir os riscos.

Segundo denunciou a Folha de São Paulo (2006), a Amazônia acumula uma área devastada de 699.625 km², o que representa 17,5% do total da floresta. O reflexo da destruição em massa da área verde seria maior que os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro juntos. Os números foram apurados com base nos dados do programa Deter, sistema desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) que monitora a floresta e permite a projeção de tendências.

Os números consolidados (biênio 2004-2005), divulgados em 2006, reafirmaram um desmatamento de 18.793 km², o que representa uma diminuição de 31,5% em relação ao biênio anterior. Houve queda no desmatamento em relação ao biênio anterior, mas qualquer avaliação excessivamente otimista sobre esses dados exige cautela. Uma das leituras possíveis aponta para um problema ainda de proporções gigantescas e com grandes desafios a serem superados.

A realidade alarmante da Amazônica é uma preocupação mundial. Além de destruir esta incomensurável fonte de riquezas naturais para a humanidade, as queimadas de florestas tropicais têm forte efeito sobre o aquecimento da terra. Segundo relatório denominado “Planeta Vivo” publicado pela World Wildlife Fund (WWF Brasil) em 2006, o aquecimento apresenta sérias implicações sobre as mudanças climáticas na Terra e a freqüência com que catástrofes naturais têm sido registradas. Os estudiosos se referem aos episódios que impuseram situações desoladoras e colocaram a sociedade diante de si mesma.

A passagem do furacão Katrina na região do Golfo do México, por exemplo, mostrou a resposta clara da natureza frente às irresponsabilidades do homem. As imagens, divulgadas amplamente pelos veículos de comunicação de massa, chamaram a atenção da sociedade em todo o globo. De acordo com Wikipedia (2006), o Katrina foi um grande furacão, uma tempestade tropical que alcançou a categoria 5 da Escala de Furacões de Saffir-Simpson (regredindo a 4 antes de chegar a costa sudeste dos Estados Unidos da América).

Os ventos atingiram velocidade superior a 280 quilômetros por hora, e causaram grandes estragos e prejuízos na região litorânea do Sul dos Estados Unidos, especialmente em torno da região metropolitana de New Orleans, em

29 de agosto de 2005. Mais de um milhão de pessoas foram evacuadas. O furacão passou pelo sul da Flórida, causando aproximadamente dois bilhões de dólares de prejuízo e seis mortes diretas. Levantamento posterior indica aproximadamente mil mortes, sendo considerado um dos furacões mais destrutivos a ter atingido os Estados Unidos. O furacão paralisou muito da extração de petróleo e gás natural dos Estados Unidos, uma vez que boa parte do petróleo americano é extraído no Golfo do México.



Figura 3 - Imagem aérea de região da cidade de New Orleans (EUA), inundada pela enchente provocada pelo furacão Katrina. Cientistas relacionam o fenômeno às mudanças climáticas ao aquecimento global.

Fonte: Domínio Público¹²

¹² Figura disponível em <http://www.katrina.noaa.gov/helicopter/images/katrina-new-orleans-flooding2-2005.jpg>. Acesso em 31 de janeiro de 2007.

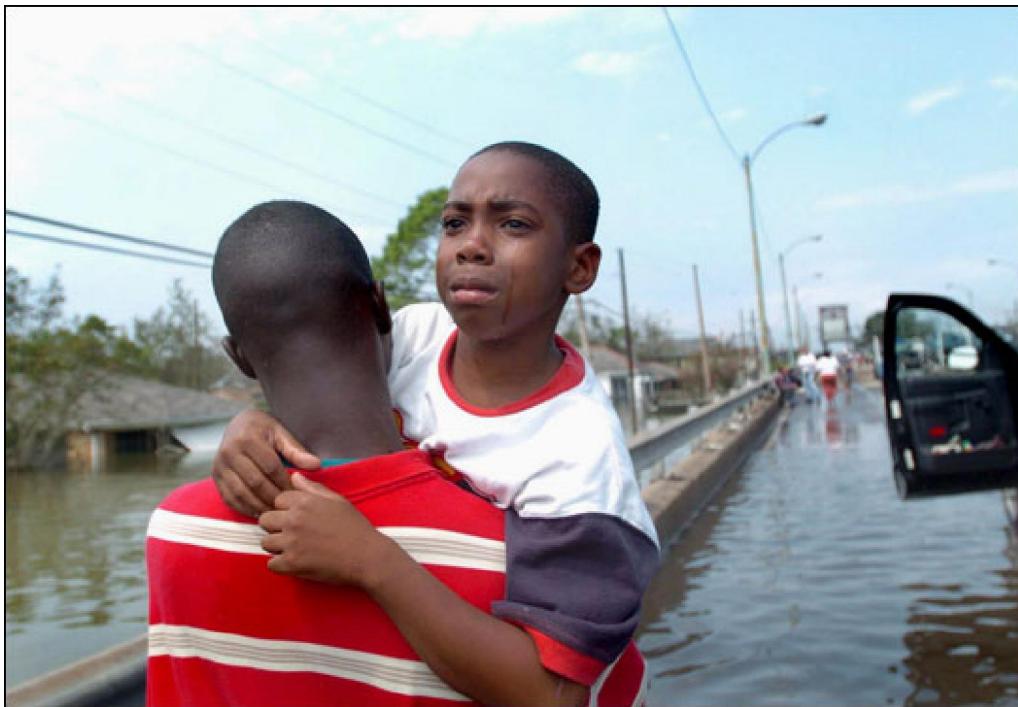


Figura 4 - Milhares de famílias tiveram as casas submersas e ficaram desabrigadas. Na foto, pai retira filho da cidade de New Orleans e busca local seguro para se protegerem.

Fonte: PhotoBucket¹³

Qualquer avaliação histórica sobre as medidas adotadas para evitar o desgaste do planeta nos levam a crer que, em grande parte, as situações desoladoras como as descritas acima têm o poder de provocar grandes mobilizações em torno da questão ambiental. A difusão do assunto pelo mundo também se deve à ocorrência desses fenômenos que ameaçam às populações de diversas regiões do planeta. Exatamente por isso, a discussão, antes reduzida aos espaços técnicos e especializados, ganhou o reconhecimento da sociedade como algo fundamental, passando a, paulatinamente, ser institucionalizada pelo Estado, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

A importância de se estabelecer uma relação sustentável entre a sociedade e o meio ambiente incentivou a formulação de políticas em diversos países, inclusive no Brasil; fomentou a realização de debates e estimulou o envolvimento individual e coletivo com a proteção dos recursos naturais. Este foi o processo que fez do ambiente, um dos temas mais difundidos em todo o

¹³ Figura disponível em: <http://img.photobucket.com/albums/v322/analiticamenteincorrecto/Katrina3.jpg>. Acesso em 31 de janeiro de 2007.

mundo nas últimas décadas. A crescente abordagem sobre a complexa rede que envolve a manutenção do ecossistema e a vida no planeta cria condições para que os debates sejam aprofundados constantemente e, assim, fujam do senso comum.

Embora estejamos traçando um panorama do cenário ambiental na atualidade, a delimitação de nosso tema sempre nos vem à mente. Assim como afirma ECO (1999): "quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha". No próximo capítulo, apresentaremos os dados da pesquisa aplicada na TV Integração, emissora de televisão com sede em Uberlândia, com base na qual analisamos a percepção dos jornalistas sobre o Meio Ambiente.

capitulo

3

MEIO AMBIENTE NA TV Integração: DISCURSO OU REALIDADE?

A salvação do planeta e dos homens depende, antes das mudanças nas relações entre os homens, (BERNARDES e FERREIRA, 2003, p. 40).

Ao analisarmos os dados que serão apresentados neste capítulo nos deparamos como uma surpresa e, ao mesmo tempo, um questionamento: meio ambiente no jornalismo, trata-se de um discurso corrente entre os jornalistas ou uma prática de valorização dos conteúdos relacionados ao tema? Para não incorrermos no erro de chegarmos a uma conclusão precipitada, checamos todas as informações diversas vezes, refizemos os cálculos percentuais e, principalmente, cruzamos os dados.

Desta maneira, acreditamos ter cumprido nosso papel de buscar o melhor da técnica e, assim, dar condições para que os profissionais da notícia manifestassem mais que suas opiniões, mas registrassem a maneira como agem diariamente, antes de determinarem o que vai ou não para a tela dos aparelhos de TV's de 3 milhões de pessoas que acompanham a programação local e regional da TV Integração.

Lembramos que o número estimado de público da emissoras foi disponibilizado pela sua direção de Jornalismo. Embora tenhamos cooptado dados complementares importantes para esta pesquisa (sexo, naturalidade, escolaridade, tempo de dedicação ao jornalismo e grau de leitura), focamos nossa avaliação no que nos dispomos inicialmente.

Perseguimos nosso intuito de entender como o assunto meio ambiente é tratado em relação a uma lista fechada de temas; o grau de importância atribuído às informações relacionadas a este assunto; e sua menção no que foi classificado pelos jornalistas como as notícias mais importantes de 2006, dentre as veiculadas pela TV Integração. Este tipo de técnica utilizada, anteriormente, nos estudos de Kayser (1967 *apud* MELO, 1971, p.22).

Outro estudo especial é o dos acontecimentos de maior importância ocorridos no período de realização da pesquisa e registrados nos jornais investigados. Os fatos considerados especiais foram: problema do Laos, situação argelina, greve na Espanha, vôo espacial de Carpenter, campeonato mundial de futebol, processo Milovan Djilas.

O destaque a assuntos internacionais revela a dimensão da pesquisa de Kayser (1967). No estudo intitulado: Dos semanas em la prensa de América Latina, financiado pela Fundação Ford, na década de 60, o autor analisou 33 jornais, totalizando 439 edições e 10.345 páginas. Com o apoio da equipe do

Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal) foram selecionados os dois principais diários de cada país do continente latino-americano. Segundo descreve Melo (1917), em cada país escolheu-se o jornal de maior tiragem na capital federal e o de maior tiragem editado em províncias.

Construímos uma pesquisa infinitamente menor que o estudo de Kayser, mas, para captar a impressão dos jornalistas, não nos furtamos a absover a influência deste grande estudo da imprensa na América Latina. Ressaltamos também que levamos em consideração as peculiaridades da transmissão de informações pela televisão, sem deixar de observar algumas regras comuns a qualquer veículo, na medida em que norteiam a produção jornalística.

Desta maneira, alcançamos nosso objetivo e conseguimos extrair dados relevantes acerca dos valores/notícia que mesclam, como poderá ser observado abaixo, questões “universais” do jornalismo às peculiaridades regionais.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA E COLETA DE DADOS

Os procedimentos desta pesquisa foram desenhados com a finalidade de abordar a maneira como um determinado tema, o meio ambiente é percebido em relação a uma lista fechada de assuntos com os quais a imprensa lida diariamente e a maneira como este é tratado, na prática, pelos jornalistas a TV Integração. Para isso, trabalhamos com a análise de percepção, captada a partir da aplicação de questionário construído com a utilização de duas técnicas: questões fechadas e questões abertas.

Assim, cada questionário aplicado continha 13 questões, sendo que, deste total, 8 eram fechadas (com opções pré-determinadas para responder) e 5 abertas. A aplicação deles foi organizada pela direção de jornalismo da emissora, que nos atendeu prontamente. A coleta dos dados foi realizada entre os dias 24 de novembro e 05 de dezembro de 2006.

Conseguimos obter a participação de 55% dos jornalistas contratados pela emissora, que atuam no município de Uberlândia. Os questionários formulários, entretanto, foram repassados a todos os profissionais, mas 45% não os responderam.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Constituíram-se sujeitos desta pesquisa, 15 dos 23 jornalistas contratados pela TV Integração em Uberlândia, ou seja, 55% dos profissionais, um número considerado suficiente para alcançar nossos objetivos. Desses sujeitos, todos trabalham na cidade de Uberlândia, Minas Gerais/Brasil. Optamos por conduzir nosso estudo com essa delimitação espacial a fim de focarmos nossa análise apenas na percepção dos profissionais do jornalismo, em atividade na principal cidade do Triângulo Mineiro.

Em relação a questão de gênero, 10 (66%) são do sexo feminino e 5 (34%) são do sexo masculino. As atividades do jornalismo na TV Integração são divididas por turnos (amanhã, tarde – segunda a sexta-feira – e plantão – à noite, fim de semana e feriado), sendo que a pesquisa foi distribuída equanimente entre todos os grupos. Assim, este resultado não reflete um universo apenas feminino ou masculino, obtido de acordo com determinado turno de trabalho. O percentual é uma amostragem que indica a presença superior de jornalistas do sexo feminino na redação da TV, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.

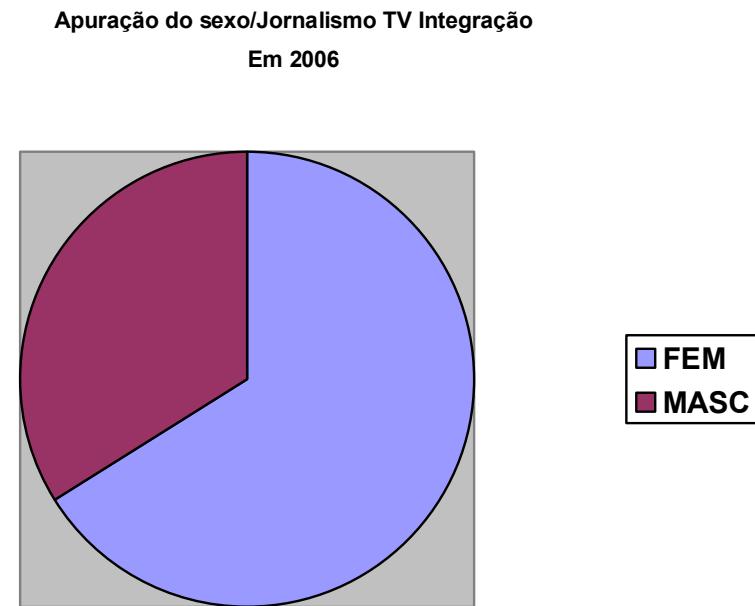


Figura 6: gráfico 1 – Apuração do sexo

Fonte: Dados da Pesquisa

Para a variável naturalidade, a apuração nos permitiu trabalhar com dois dados importantes: município do qual é natural e a unidade da Federal/Estado. Constatamos que a maioria dos jornalistas (66%) é de outras cidades. Apenas 34% do universo pesquisado nasceu em Uberlândia. Entre os sujeitos que vieram de outras localidades, foram citadas: Tupaciguara (MG), Belo Horizonte (MG), Guarani (MG), Governador Valadares (MG), Sata Helena (GO), Araraquara (SP), Santos (SP), Campo Grande (MS), Anápolis (GO) e Catanduva (SP). Com base nestas informações, foi possível analisar que 40% dos jornalistas são mineiros e 60% de outros estados.

Observamos também que, na caracterização dos sujeitos, a presença predominante de profissionais com formação superior – 3º completo – (54%) e com especialização /pós-graduação (*latu sensu*) com 40%. Apenas 6% possui somente o Ensino Médio concluído. Este último dado é interessante, pois se refere ao questionário no qual o jornalista informou que possui Ensino Superior completo, mas, ao mesmo tempo, relatou que faltava um ano para concluir a graduação. Por isso, trabalhamos com a última graduação do mesmo, ou seja, o Ensino Médio.

Foi interessante também perceber que, entre os sujeitos pesquisados, nenhum apresentava pós-graduação (*stricto sensu*) – mestrado ou doutorado. A constatação desse cenário reforça as afirmações de Genro Filho (1987, p. 03), quando o autor trata do “distanciamento” entre as teorizações do jornalismo e a prática, observada nas redações:

Existe uma grande defasagem entre a atividade jornalística e as teorizações que se fazem em torno dela. Esse distanciamento se dá em tal grau que, inclusive, tem gerado falsas e absurdas polêmicas opondo “teóricos” e “práticos”. Recentemente, uma campanha movida no Brasil contra a obrigatoriedade do diploma acadêmico para o exercício do jornalismo indicou até que ponto os pragmáticos chegam em seu desprezo pela teoria. Eles consideram que a simplicidade das técnicas jornalísticas dispensa uma abordagem teórica específica e uma formação especializada.

[...] Assim, o profissional que procura, realmente, refletir sobre o significado político e social de sua atividade – cujas ambigüidades e contradições ele percebe em seu dia-a-dia -, coloca-se num impasse. Ou ele vai tomar conhecimento das variações em torno de um tema que já domina, ou buscar contato com enfoques teóricos que desprezam as contradições e potencialidades críticas do jornalismo, com as quais ele se depara na prática.

Por isso, a indevida polarização entre “teóricos” e “práticos” corresponde, no fundo, a uma incomunicabilidade real entre as teorizações existentes e a riqueza da prática. Essa polarização torna-se a expressão de um diálogo, não de surdos, mas de mudos:

um não consegue falar ao outro. A prática, por sua limitação natural, jamais soluciona a teoria. Ela apenas insiste, através de suas evidências e contradições, que deve ser ouvida. Mas só pode se expressar racionalmente através da teoria.

Ainda de acordo com o autor, “a responsabilidade maior, portanto, cabe à própria teoria que está muda em relação às evidências e contradições da prática, quando deveria transformá-las numa linguagem racional. Isto é, elucidar e direcionar a prática num sentido crítico e revolucionário”. A realidade encontrada na TV Integração, entretanto, não diz respeito à rejeição pela formação acadêmica em jornalismo como registrado por Genro Filho (1987). Estamos nos referindo, neste caso, à indiferença pelo domínio acadêmico do tema e as inúmeras possibilidades que a teorização traz para a prática, inclusive da valorização da ciência na emissora.

Como pode ser evidenciado no próximo gráfico, 86% dos sujeitos possuem graduação em jornalismo. Dos 14% restantes do nosso universo, 7% estão em fase de conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e 7% não possuem graduação na área. Nenhum profissional, entretanto, apresentou pós-graduação (*stricto sensu*), mestrado e/ou doutorado; o que evidencia o grande deslocamento do universo acadêmico da oportunidade de se aprofundar nas teorias que fundamentam o jornalismo e a ciência.

Formação Específica em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

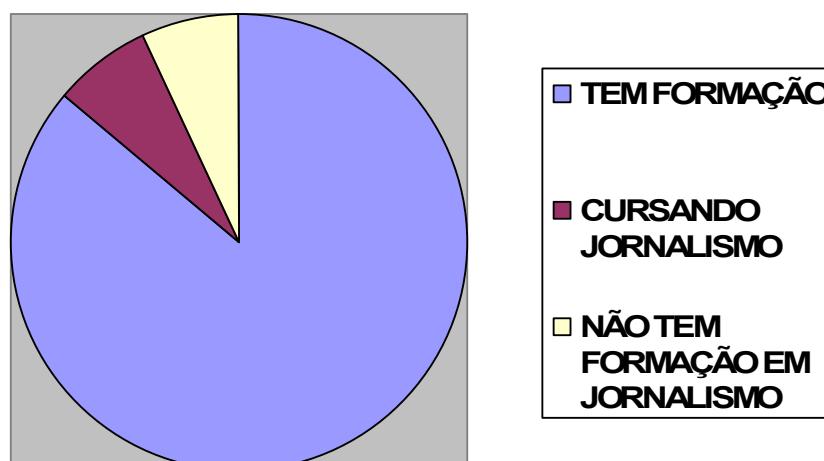


Figura 7: gráfico 2 – Formação específica em Jornalismo entre profissionais da TV Integração / 2006

Fonte: Dados da Pesquisa

A caracterização dos sujeitos permitiu também conhecer a origem da formação acadêmica (instituição) dos profissionais graduados em Comunicação. A maior parte deles, 9 dos 13 formados em Jornalismo (70%) tornaram-se bacharéis em jornalismo no Centro Universitário do Triângulo (Unitri), instituição com sede em Uberlândia. Os 30% restantes estão divididos entre instituições como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Santa Cecília (UNISANTA).

Por fim, encerramos esta caracterização com a variável “tempo de atuação no jornalismo”. Verificamos que mais da metade (54%) dos profissionais que responderam a pesquisa possuem mais de 10 anos de dedicação à atividade. Um total de 34% assinalou o item que indica de 6 a 10 anos e 12% de 3 a 6 anos de vida com a veiculação de notícias.



Figura 8: gráfico 3 – Tempo de atuação no Jornalismo

Fonte: Dados da Pesquisa

Antes de iniciarmos a apreciação dos temas, explicamos que essa caracterização dos sujeitos foi elaborada a partir das respostas obtidas nas cinco primeiras questões do formulário. Conforme pode ser observado a seguir, os itens presentes na caracterização foram: sexo, naturalidade, escolaridade,

formação acadêmica em Comunicação Social / Jornalismo e, por fim, o tempo de atuação profissional.

Questionário x Caracterização dos sujeitos

- Questão 1) Sexo
- Questão 2) Naturalidade
- Questão 3) Escolaridade
- Questão 4) Possui formação em Comunicação/Jornalismo?
- Questão 5) Tempo de atuação na área?

Quadro 1 – Questões presentes na caracterização dos sujeitos pesquisados nesta dissertação

Fonte: Questionário aplicado na pesquisa, entre 24 de novembro e 05 de dezembro de 2006

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Seguimos a apresentação dos dados obtidos junto aos jornalistas da TV Integração, nos atendo, inicialmente, à avaliação do material obtido por meio das questões fechadas. Portanto, nos restam interpretar quatro perguntas que buscaram conhecer a maneira como esses profissionais se mantêm informados, suas principais fontes de notícias, o grau de leitura (quantidade de livros que leu em 2006), e, o mais importante para nosso estudo: a enumeração dos temas que, na opinião deles, despertam mais o interesse da sociedade.

QUESTÃO 6 – De que maneira se mantém informado? Assinale – de 1 a 5 -, de acordo com o grau de freqüência com que acompanha cada um dos veículos abaixo (1) internet; 2) televisão; 3) mídias imprensas – jornais, revistas, dentre outros -; 4) rádio; 5) telefonia celular – wap e infocel).

A categoria jornalística exercida pelos profissionais contratados pela Integração, o telejornalismo, explica em parte a predileção deles pela TV. Para 54%, a televisão é a principal fonte de informação. Dentre os fatores a serem observados, neste caso, está a necessidade de se acompanhar o próprio

trabalho, observar o que outras emissoras (locais, estaduais e nacionais) estão desenvolvendo e também estar em sintonia com produção da mesma emissora, a Rede Globo, em outras esferas: estadual e nacional.

Em segundo lugar na preferência dos jornalistas como fonte de informação aparece a internet com 14%, seguida das mídias impressas com 7% e telefonia celular (wap e infocel) com 7%. Ao todo 18% dos entrevistados anularam a questão, pois não estabeleceram uma ordem numérica conforme solicita o enunciado.

De que maneira os jornalistas se mantêm informados?

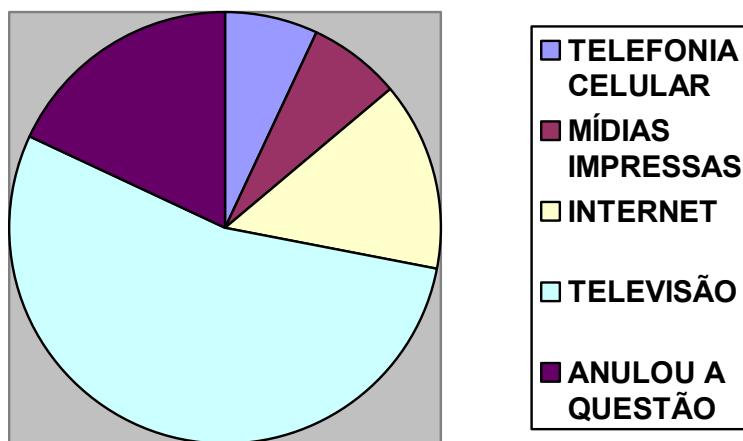


Figura 9: gráfico 4 – De que maneira os jornalistas se mantêm informados?

Fonte: Dados da Pesquisa

QUESTÃO 7 – Enumere – de 1 a 3 – as principais fontes de notícias, de acordo com o grau de importância de cada uma. Itens relacionados: 1) veículos de comunicação: internet, televisão, mídias impressas dentre outros -; 2) fontes conquistadas – telespectadores, servidores públicos, políticos, empresários, líderes comunitários, polícia, dentre outras; 3) outras fontes).

Antes de analisarmos as respostas, sentimos a necessidade de ressaltar que esta é uma das questões mais importantes da pesquisa uma vez que, através desses dados, conseguimos identificar como, de maneira geral, surgem

as notícias veiculadas pela TV Integração. Com base nessas informações, traçaremos o “caminho” pelo qual a informação passa antes de chegar ao seu destino final: o público, estimado em mais de 3 milhões de pessoas em Uberlândia e demais cidades das regiões do Triângulo Mineiro, Pontal, Alto Paranaíba e Centro-oeste do Estado.

Trata-se de um passo essencial para nosso objetivo de apresentar aos agentes envolvidos direta ou indiretamente com a questão ambiental uma rota de acesso à mídia. Neste sentido, chegamos à conclusão que a ponte principal entre o jornalista e suas pautas é o que chamamos de “fontes conquistadas”. Como relacionamos no enunciado desta questão, essas fontes são pessoas ligadas a instituições e segmentos estratégicos da sociedade que mantêm contato com a imprensa sugerindo a veiculação de notícias. Em linhas gerais são: telespectadores bem informados, servidores públicos, políticos, empresários, líderes comunitários, agentes das Polícias (Militar, Civil e Federal).

Segundo apurado nesta pesquisa, 46% das notícias são originadas do contato com as “fontes conquistadas”. Em segundo lugar, aparecem os outros veículos com 20%. Isso se dá devido ao acompanhamento diário e instantâneo que os veículos fazem dos seus concorrentes, sejam eles da mesma ou de outra categoria, ou seja, o jornalista da televisão observa a produção das demais emissoras, mas também acompanha os jornais impressos, revistas e internet e vice-versa. Em entrevista ao portal IG, Luiz Carlos Azenha (2004)¹⁴, repórter nacional da Rede Globo, registrou essa característica da imprensa.

Hoje nenhuma redação prescinde de acesso a todos os sites de informação, que se pautam uns nos outros através das informações da internet. Existe um risco embutido nisso: os jornalistas deixaram de checar informações publicadas na internet. O jornal português “O Expresso” deu que o Delúbio Soares foi dez vezes a Portugal. Toda a imprensa brasileira deu isso, atribuindo isso ao jornal. E ai? O Delúbio foi mesmo? Que se saiba até agora, não.

O jornalista global, com mais de 20 anos de experiência, refere-se à circulação das informações pela internet. Neste caso, além da internet estamos nos referindo aos demais veículos. Ainda em relação à questão 7, 20% dos

¹⁴ Entrevista em: http://www.imasters.com.br/entrevista/3548/entrevista_exclusiva_luiz_carlos_azenha/. Consulta feita em 25 de janeiro de 2007.

entrevistados a anularam, pois não respeitaram a enumeração indicada no enunciado; 7% afirmaram que as principais fontes de notícias são “outras fontes”, ou seja, não são nem fontes conquistadas, nem outros veículos de comunicação; e 7% não responderam.

QUESTÃO 8 – Cite a quantidade e o nome dos livros que leu este ano (2006). *Itens relacionados:* 1) de 1 a 3 livros; 2) de 3 a 6 livros; 3) de 6 a 10 livros.

Com base neste questionamento, identificamos que a maior parte dos entrevistados (46%), possuía índice de leitura entre 1 a 3 livros em 2006. Na seqüência, apuramos que 40% dos entrevistados leram de 3 a 6 livros e 14% leram de 6 a 10 livros. Em relação à natureza da atividade jornalística, onde é imprescindível o desenvolvimento intelectual, a grande maioria apresenta um baixo desempenho de leitura. Tomemos por base, crítica publicada recentemente pela revista britânica “*The Economist*”, considerada uma das mais respeitadas do mundo, e veiculada no Brasil pelo jornal Folha de São Paulo.

Com o título “Um país de não-leitores”¹⁵, o veículo inglês apresenta a média nacional de 1,8 livros lidos por ano, segundo informações contidas no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL):

Muitos brasileiros não sabem ler. Em 2000, um quarto da população com 15 anos ou mais eram analfabetos funcionais. Muitos simplesmente não querem. Apenas um adulto alfabetizado em cada três lê livros. O brasileiro médio lê 1,8 livros não-acadêmicos por ano – menos da metade do que se lê nos EUA ou na Europa. Em uma pesquisa recente sobre hábitos de leitura, os brasileiros ficaram em 27º em um ranking de 30 países, gastando 5,2 horas por semana com um livro. Os argentinos, vizinhos, ficaram em 18º.
[...] Um fator que desencoraja a leitura é os livros serem tão caros. Na Bienal do Livro de São Paulo, nesta semana, “O Código Da Vinci” estava à venda por R\$ 32 –mais de 10% no salário mínimo do país. A maioria dos livros tem tiragens baixas, puxando para cima os preços.

Embora não tenhamos apurado a renda média dos sujeitos pesquisados, podemos afirmar que o fator “baixa remuneração” possui influência sobre os índices de leitura dos jornalistas. A realidade salarial dos profissionais que

¹⁵ Matéria disponível no endereço <http://biblio.crube.net/?p=950>. Consulta feita em 25 de janeiro de 2006.

atuam no interior limita seu padrão de vida e este, muitas vezes, não tem condições de ampliar o leque de produtos a serem consumidos como, por exemplo, os livros. Devemos ressaltar, entretanto, que Uberlândia possui uma Biblioteca Municipal, quatro bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia (*campi* Santa Mônica, Umuarama e Educação Física; além da Escola Básica (Eseba), sendo que esta última não está aberta ao público), dentre outras públicas e mantidas por instituições privadas.

A resposta desta questão nos deixou alguns questionamentos: até que ponto a falta de leitura e conhecimento interfere na maneira como os jornalistas se interessam ou desprezam determinado tema? Será que, sendo mal remunerado e tendo acesso a uma gama limitada de informações qualificadas, esses profissionais não atenderiam mais facilmente aos interesses burgueses, ou seja, dos proprietários dos veículos de comunicação? Essas são dúvidas que pretendemos responder, posteriormente, com a realização de outras pesquisas.

Aproveitamos, entretanto, este espaço para apresentar na tabela abaixo a relação das obras mais lidas, em 2006, pelos jornalistas que trabalham na TV Integração.

Tabela 1 - As obras mais lidas

Ranking dos campeões de leitura

Obra	Número de Leitores
O Monge e o Executivo – James C. Hunter	7
O Código da Vinci – Dan Brown	5
O Caçador de Pipas – Khaled Housseini	4
A Semente da Vitória – Nuno Cobra	3
O Livreiro de Cabul – Asne Seierstad	2
A Mosca Azul – Frei Beto	2
Travessuras da Menina Má – Mário Vargas Llosa	2
O Valor do Amanhã – Eduardo Gianetti	2
Quase Tudo – Danuza Leão	2
As Cinco Pessoas que Você Encontrará no Céu – Mitch Albom	2
Quando Nietzsche Chorou – Irvin D. Yalom	2
Do Golpe ao Planalto – Ricardo Kotscho	2
Porque os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor –	2
Alan Pease / Bárbara Pease	

Fonte: Dados da Pesquisa

QUESTÃO 10 – Enumere os temas (em ordem de importância de 1 a 10) que, na sua opinião, despertam o interesse da sociedade. Itens relacionados: problemas sociais; fatos policiais; acidentes de maneira geral (trânsito; trabalho, etc.); política; economia; bem-estar; cultura (artes plásticas, populares, cinema, teatro, etc.); meio ambiente (desastres ecológicos, fenômenos naturais, conscientização, projetos ambientais); cidade (cobertura de notícias gerais de interesse da comunidade); serviços (empregos, concursos, cursos e oportunidades).

Diante do grande número de opções, estruturamos a apuração desta pergunta da seguinte forma. Em primeiro lugar, elencamos os temas que foram citados em 1º lugar, ou seja, que, na visão dos jornalistas, chama mais a atenção da sociedade. Então, nos deparamos com 34% dos entrevistados que classificaram as matérias relacionadas à “cidade” (notícias gerais de interesse da sociedade) com as mais expressivas para o público; essas foram seguidas das reportagens sobre “problemas sociais” com 26%; pela veiculação de “fatos policiais” com 14% e notícias de “serviços” (empregos, cursos e concursos) também com 14%. O restante, 12%, foram divididos entre as matérias de cultura (6%) e ou outros 6% referentes às questões anuladas porque não foram respondidas corretamente.

Depois de relacionarmos os assuntos que, na avaliação dos jornalistas a serviço da TV Integração, despertam mais interesse da sociedade em Uberlândia e região, observamos a forma como as matérias referentes ao “meio ambiente” (desastres ecológicos, fenômenos naturais, conscientização, projetos ambientais), foram classificadas por eles nesta “ordem de importância”. Entre os entrevistados 43% deram ao item “meio ambiente” o número 8 (em uma relação numérica por ordem de importância de 1 a 10), ou seja, praticamente sem importância.

**Os temas que, na avaliação dos jornalistas da TV Integração, despertam
mais o interesse da sociedade**

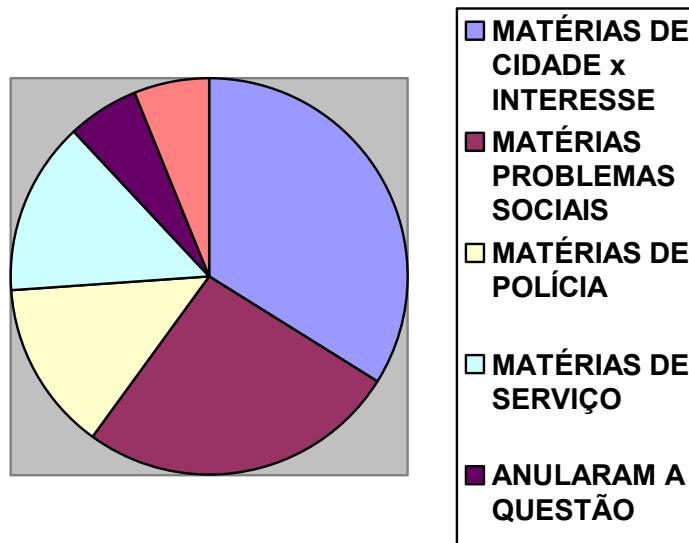


Figura 10: gráfico 5 – temas que, na avaliação dos jornalistas da TV Integração, despertam mais o interesse da sociedade.

Fonte: Dados da Pesquisa

Os jornalistas, cujos questionários apontaram o meio ambiente na última colocação na ordem dos assuntos que mais chamam a atenção do público, ocupam a segunda posição nas estatísticas com 20%; eles são seguidos dos que classificaram a questão ambiental na penúltima posição, ou seja, o número 9 na enumeração da ordem de importância de 1 a 10, com 14%. Somente, essas três posições juntas somam 77% (a maioria absoluta) das pessoas ouvidas nesta pesquisa.

A constatação deste número revela uma realidade preocupante para a temática ambiental em Uberlândia e região, uma vez que, na opinião da maioria absoluta dos jornalistas da principal emissora de televisão, o tema não é tido como algo prioritário para a sociedade. Tal percepção reflete na indiferença a potenciais notícias que chegam à redação e, possivelmente, serão engavetadas para dar espaço a algo mais “quente”. Segundo Wolf (2005), a definição do que vai ou não ser transmitido pela mídia depende da classificação dos valores/notícia. Dentre eles, destacam-se os interesses de uma determinada comunidade ou país sobre o acontecido:

Para ser noticiável, o acontecimento deve ser significativo, ou seja, “interpretável dentro do contexto cultural do ouvinte ou do leitor”: a relevância referente ao sistema de valores ideológicos e aos

interesses próprios do país em questão determina a importância de um evento. Por exemplo, no que concerne à cobertura das notícias no exterior, Gans observa que, nos Estados Unidos ou os mais fortes dentre os aliados da Otan; os países do bloco oriental e os aliados mais potentes da União Soviética; por fim, os países que não entram nas duas primeiras categorias e são cobertos apenas esporadicamente. Estes “fazem notícias apenas quando são palco de acontecimentos insolitamente dramáticos, como conflitos, golpes de estado ou grandes desastres”, (Galtung-Ruge, Gans *apud* Wolf, 2005, p. 210).

4.3 QUESTÕES ABERTAS

A análise das quatro questões abertas da pesquisa não mudou as conclusões as quais havíamos chegado anteriormente. A primeira delas diz respeito à padronização das respostas dadas pelos jornalistas. Notamos que, de maneira geral, não houve o destacamento do ponto-de-vista de um profissional em relação ao outro. Percebemos claramente a tendência à padronização da linguagem, consolidação das rotinas produtivas e dos valores/notícia na redação TV Integração. Para Wolf (2005),

O elemento fundamental das rotinas de produção, isto é, a escassez substancial de tempo e de meios, acentua a relevância dos valores/notícia, que acabam se encontrando profundamente radicados em todo o processo de informação. Esse processo compõe-se de diversas fases, variadas segundo a organização do trabalho específica de cada redação e de cada meio de comunicação. A partir desse ponto de vista, é possível ilustrar apenas as fases principais da produção cotidiana de informação, as que podem ser encontradas em todos os aparatos e incidem principalmente na qualidade da informação. Essas fases são três: a coleta, a seleção, a apresentação. Cada uma delas dá lugar a rotinas e procedimentos de trabalho articulados, dos quais são tratados apenas alguns aspectos significativos. (WOLF, 2005, p. 229).

Como pode ser observado na tabulação da questão 9 (tabela abaixo), o fator citado com maior freqüência pelos jornalistas sobre o que levam em consideração para definir o que é ou não notícia trata-se do “interesse público”. As respostas indicam que, levando-se em consideração o público presente na região coberta pela emissora, quanto mais pessoas forem diretamente atingidas por determinado evento ou fato, maior será a chance deste apresentar os critérios para ser veiculado.

QUESTÃO 9 – O que leva em consideração para definir o que é notícia?

Respostas Questão 9

Questionário 1

O número de pessoas que podem ser afetadas, de alguma maneira com o fato. Interessa a quem?

O que muda? Qual o impacto?

Questionário 2

Interesse público.

Questionário 3

Tudo que é de interesse público e que influencia o cotidiano das pessoas.

Questionário 4

A importância do fato para um grupo de pessoas. Me coloco como receptor da informação.

Questionário 5

A relevância, se o assunto é de interesse público. Se é novidade.

Questionário 6

O que de fato aconteceu!

Questionário 7

A importância para a sociedade.

Questionário 8

A relevância do fato para a comunidade atendida pelo veículo.

Questionário 9

A credibilidade.

Questionário 10

Algo que seja de interesse público.

Questionário 11

A quantidade de pessoas que a informação vai atingir. Que será beneficiado. Que tipo de comportamento poderá ser modificado.

Questionário 12

Primeiramente a quem a informação vai interessar, se tem credibilidade.

Questionário 13

Se a informação interessa a um único segmento não é notícia. Mas se o fato interferir na vida da maioria das pessoas, aí sim, é considerada como notícia.

Questionário 14

Principalmente de que forma a informação interfere diretamente no meu dia-a-dia.

Questionário 15

O interesse público.

Quadro 2 – O que se leva em consideração para definir o que é notícia?

Fonte: Dados da Pesquisa

Além de ser de “interesse público”, uma notícia deve ser inédita e ter credibilidade para ser veiculada, segundo indicaram os jornalistas da TV Integração. A brevidade das respostas colhidas nas questões abertas, conforme registramos anteriormente, não nos permitiu aprofundar em aspectos importantes. Em função disso, muitas perguntas tiveram de permanecer sem respostas.

Até que ponto o fator ineditismo é levado em consideração, quando se confronta com outros valores/notícia também considerados importantes como o “interesse público”? Ou seja, uma notícia pode não ser inédita, mas terá potencial para ser veiculada, quando atingir diretamente grande número de

pessoas? O que determina a credibilidade de determinado fato? Essa credibilidade está relacionada às informações oriundas de fontes do Estado (poderes constituídos: Legislativo, Executivo e Judiciário) ou instituições de classe?

Ao observarmos os dados colhidos na tabulação da questão 11, entendemos um pouco do aspecto contraditório da produção jornalística. Deparamos-nos com um impasse. Estamos diante de um público que reconhece a importância de se noticiar temas relacionados ao meio ambiente, mas, ao mesmo tempo, trabalha sob dinâmicas que, naturalmente, atendem outros eixos temáticos.

Em todos os questionários, está registrado o potencial notícia existente no meio ambiente. As repostas indicam diversas justificativas para o “meio ambiente poder se transformar” em informação. Entre elas, destacam-se: “a necessidade de conscientizar”; “a necessidade de mostrar com mais destaque as consequências de quem não cuida da natureza”; “em função das pesquisas divulgadas”; “por trata-se de uma fonte esgotável de vida”; “pelo impacto desse tema na comunidade, uma vez que afeta a rotina, o clima, e a saúde do público”.

A maneira como a mídia avalia, classifica e potencializa a questão ambiental e a ciência, entretanto, reforça valores, símbolos e mitos que estabelecem uma relação espetacular da televisão com os temas por ela abordados. Segundo afirma Siqueira (1999),

O processo que impõe um valor de troca à informação científica envolve também ideologia e um discurso retórico. São utilizados argumentos verossímeis, geralmente apoiados em premissas socialmente aceitas mitos, ritos, símbolos e representações. Na divulgação da ciência pela televisão, esses argumentos verossímeis, bem como os mitos, são reproduzidos de forma espetacular, formando um mosaico de discursos com o fim de prender a atenção do espectador que ali também exerce o papel de consumidor em potencial. (SIQUEIRA, 1999, p. 18).

Respostas Questão 11

Questionário 1

Sim. Porque é preciso conscientizar as pessoas sobre o impacto do meio ambiente na vida de cada um.

Questionário 2

Sim. Porque é de interesse geral. Mas é preciso sensibilizar e evitar os “ecochatos”.

Questionário 3

Sim. Embora falte conscientização em grande parte da população, esse quadro já melhorou muito. Mas para chamar a atenção das pessoas precisamos mostrar com mais destaque as consequências de quem não cuida da natureza.

Questionário 4

Claro porque a conscientização de sua devastação é de interesse de todos os seres humanos.

Questionário 5

O meio ambiente é um assunto crescente. As pessoas se interessam pelo assunto pela ligação direta que ele tem com o dia-a-dia. Ex: tempo/clima, ecologia, etc.

Questionário 6

É porque o nosso futuro depende da conservação do mesmo.

Questionário 7

Sim é a grande discussão do momento por causa da ameaça que o planeta corre.

Questionário 8

Sim pelo impacto desse tema na comunidade uma vez que afeta a rotina, o clima, a saúde do público.

Questionário 9

Sim, pois vem sofrendo as crueldades do homem e isso reflete no futuro.

Questionário 10

Sim. Em função das várias pesquisas divulgadas com freqüência e também pela destruição do homem.

Questionário 11

Com certeza, sempre. O momento que vivemos é bastante singular. Fala-se muito em preservação e cuidado com os recursos naturais. Os meios de comunicação têm a importante função de levar estes conceitos à população.

Questionário 12

Sim. Porque além de denúncias constantes de degradação do meio ambiente temos o lado bom. Exemplos de pessoas que também desenvolvem ações para preservar.

Questionário 13

Porque cada vez mais as pessoas estão preocupadas com o meio ambiente. Até pouco tempo não se via falar em reciclagem de lixo, emissão de gases que provocam o efeito estufa, como o metano e o dióxido de carbono. Hoje as pessoas estão mais conscientes e preocupadas com as consequências da poluição no meio ambiente. As consequências acabam prejudicando a população, como enchentes e o aumento da temperatura.

Questionário 14

Sim. Fazemos parte dele. Há pesquisas sendo desenvolvidas. Estudos importantes. E tudo que é feito para melhorar a qualidade ou que, infelizmente, é destruído, interesse a todos.

Questionário 15

Sim, por tratar-se de uma fonte esgotável de vida e que está sendo destruído como nunca.

Quadro 3 – O Meio ambiente é um tema que, geralmente, pode se transformar em notícia? Por quê?

Fonte: Dados da Pesquisa

O mosaico de discursos e retóricas que orientam a produção de notícias na televisão, conforme foi descrito por Siqueira (1999), pode observado na tabulação da questão 12. A penúltima pergunta presente no **questionário**, aplicado na TV Integração, questiona-se, em linhas gerais, se o Jornalismo pode ser usado como uma ferramenta para a divulgação de material - pesquisa, projetos e ações - voltado para a minimização do impacto humano sobre o planeta.

As respostas esclarecem questões levantadas no decorrer desta dissertação. Estamos nos referindo ao que, na percepção dos profissionais confere credibilidade à informação. No questionário 3 (tabela abaixo),

encontramos a seguinte afirmação: “são esses estudos que servem de referência e são (dão) credibilidade ao nosso trabalho”. Embora essa represente apenas a opinião de um dos jornalistas ouvidos nessa pesquisa, conseguimos identificar a maneira como eles atribuem credibilidade a informações oriundas do campo acadêmico e científico.

Novamente nos deparamos com a confirmação de que o Jornalismo pode servir-se à interlocução entre a geografia, por meio da divulgação da ampla gama de temas que envolve o meio ambiente, e a sociedade, o público que acompanha diariamente sua produção. A indicação das matérias consideradas mais importantes pelos jornalistas entre as veiculadas em Uberlândia em 2006 fecha nossa análise e aponta o tamanho do desafio a ser superado por ambos: a geografia e o jornalismo.

Respostas Questão 12

Questionário 1

Sim.

Questionário 2

Sim.

Questionário 3

Sem dúvida. Aliás, são esses estudos que servem de referência e são credibilidade ao nosso trabalho. Mais do que informar, a imprensa tem o dever de incentivar idéias e projetos que visam o bem-estar de uma forma-geral. Ex: parcerias com ONG's, eventos promocionais, campanhas educativas.

Questionário 4

É preciso divulgar com mais freqüência os estragos causados pelo homem na natureza; não podemos tratá-los como algo corriqueiro. Ao mesmo tempo devemos mostrar o trabalho de quem faz em prol do meio ambiente.

Questionário 5

Sim, com certeza! Com informação a população desenvolve uma nova consciência ecológica. Reflete sobre os próprios hábitos. O problema é que as transformações demoram para acontecer.

Questionário 6

Claro!

Questionário 7

Sim. É obrigação da imprensa educar.

Questionário 8

Através da sistemática abordagem do tem e da exploração de relação dos fatos nesse setor com outros fatos, com o bem estar público, com a vida em comunidade. Enfim, mostrando que o que acontece ao meio ambiente afeta todos.

Questionário 9

Sim.

Questionário 10

Sim. Afinal de contas o nosso trabalho tem como objetivo informar, conscientizar e prestar serviço à comunidade.

Questionário 11

Costumo dizer que o jornalista deve estar sempre atendo e preocupado com o papel social que tem. Informar é, de certa forma, também educar. Portanto, o jornalista e o jornalismo são fundamentais para o processo de conscientização.

Questionário 12

Como o jornalismo é um instrumento de formação de opinião, pode e deve ser utilizado com este fim. E não apenas com o intuito de ajudar na preservação do meio ambiente, como também em todos os assuntos relacionados a bem estar social. Seja na área de saúde, política, cultura, educação. Bons exemplos devem ser mostrados sempre. “Gente que faz” é exemplo de boas matérias.

Questionário 13

Essa iniciativa já pode ser vista nos veículos de comunicação. As empresas abrem espaços para campanhas de preservação ambiental. Mostram iniciativas que servem de bom ou mau exemplo. As matérias de questões ambientais sempre causam impacto na comunidade.

Questionário 14

Sim. É um meio eficaz para ajudar na conscientização das pessoas.

Questionário 15

Sim.

Quadro 4 – Em linhas gerais, você acha que o Jornalismo pode ser utilizado como um meio de difusão de projetos, idéias e pesquisas relacionadas à questão ambiental e, desta maneira, ajudar a reduzir o impacto da ação do homem sobre a natureza?

Fonte: Dados da Pesquisa

Antes de analisarmos a última questão aplicada nesta pesquisa, gostaríamos de ressaltar a forma como a disposição das perguntas nos ajudou a alcançar o resultado esperado. Para evitar que os dados fossem direcionados, contrapomos questões que poderiam apresentar pontos de incoerência. Neste caso, por exemplo, logo após a pergunta que confere ao jornalismo um papel importante na divulgação do meio ambiente, pedimos que fosse apontada a notícia considerada por eles a mais importante dentre as veiculadas em Uberlândia, em 2006.

Assim, ficou nítida a diferença entre: considerar um assunto “importante” e efetivamente colocar uma notícia no ar. Percebemos também que, assim como registramos na questão de número 10¹⁶, as matérias referentes à “cidade”, ou seja, problemas cotidianos relacionados ao cotidiano urbano, tendem a ser destacadas. A questão citada com maior freqüência (40% dos entrevistados) está relacionada a este assunto. Sendo assim, a matéria considerada mais importante dentre as veiculadas em Uberlândia, em 2006, foi um temporal que provocou enchente e morte na cidade.

Também foram citados: o caso da babá que espancou uma criança (fato policial); o aumento no número de homicídios (fato policial); investigação da Corregedoria na Polícia Civil (fato policial); inauguração da Vila Olímpica do Sesi (esporte); falta de respeito no trânsito (cidade) e doação de órgãos (saúde).

¹⁶ Na questão 10 foram enumerados os temas (em ordem numérica de importância de 1 a 10) que, na avaliação do jornalista, desperta mais interesse da sociedade.

No caso da questão ambiental, analisamos que ela não foi mencionada nenhuma vez entre as matérias tidas como as mais importantes do ano. Isso porque, a indicação da notícia sobre a enchente diz respeito aos estragos urbanos provocados pelo temporal, a falta de estrutura da cidade para escoamento pluvial e, principalmente, ao registro de uma morte. Neste caso, os jornalistas não levaram em consideração o fator ambiental existente na ocorrência de uma tempestade deste vulto.

Respostas Questão 9

Questionário 1

Temporal (enchente).

Questionário 2

Temporal com morte.

Questionário 3

Para mim são 3: 1) operação dos corretores de belo horizonte para investigar irregularidades no pátio de veículos apreendidos pela PM; 2) a babá que espancava um bebê de 3 anos; 3) inauguração da vila olímpica. Um marco para o esporte mineiro e para os que têm necessidades especiais, área que transformará Uberlândia em referência.

Questionário 4

Temporal que mostrou a falta de estrutura em alguns locais da cidade.

Questionário 5

Saúde, dengue e falta de médicos nas UAI's.

Questionário 6

O temporal na cidade (enchente).

Questionário 7

Globo Repórter – Dr. Kheer.

Questionário 8

Agressão feita por uma babá a uma criança.

Questionário 9

Foram muitas.

Questionário 10

O falso seqüestro.

Questionário 11

Em 1º lugar a quantidade de crimes cometidos por menores. Em 2º lugar a falta de respeito no trânsito. Em Uberlândia, o trânsito mata mais que arma de fogo.

Questionário 12

O aumento no número de homicídios em Uberlândia.

Questionário 13

Babá que espancou um bebê.

Questionário 14

A tripla doação de órgãos em patos de minas que beneficiou pelo menos 12 pessoas que estavam na fila de transplantes.

Questionário 15

A chuva torrencial que fez vítimas na cidade.

Quadro 5 – Na sua opinião, qual foi o fato/notícia mais importante veiculada em Uberlândia em 2006?

Fonte: Dados da Pesquisa

Conclusão

CONCLUSÃO

O jornalismo ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão propalada e discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza, do transporte coletivo, da energia limpa, dos três 'erres' do lixo - reduzir, reutilizar e reciclar – e de tudo aquilo que remeta à idéia de um novo modelo de civilização que seja predatória e suicida, onde o lucro de poucos ainda ameaça a qualidade de vida de muitos e os interesses consumidores se sobrepõem aos interesses dos cidadãos (TRIGUEIRO, 2003, p. 88).

Quando iniciamos esta pesquisa, há pouco mais de dois anos, tínhamos à frente um grande desafio que, pouco a pouco, foi se transformando nesta dissertação de mestrado. Partimos nessa empreitada com a vontade de darmos pequena parcela de contribuição tanto para que geógrafos e ambientalistas pudessem aprimorar seu relacionamento com a mídia, quanto para conhecer a percepção dos jornalistas da TV Integração em relação ao meio ambiente.

Parte da nossa motivação veio da vivência diária do jornalismo nos últimos 12 anos, que nos despertou a curiosidade de encontrar um ponto em comum. Buscávamos, na verdade, uma linha capaz de “amarrar” dois assuntos completamente diferentes: o meio ambiente e o jornalismo. Ao encerrarmos este trabalho, percebemos que, muito mais que colocar frente a frente saberes distintos, apresentamos os caminhos por meio dos quais geógrafos, especialistas, estudantes (demais profissionais envolvidos com o assunto) obtenham a atenção da mídia.

Ressaltamos, entretanto, que este estudo não se pautou em ser um manual de relacionamento com a imprensa ou mesmo a organização de informações úteis acerca da produção jornalística. Ao contrário, no decorrer deste estudo, utilizamos material científico como os conhecimentos teorizados sobre o jornalismo e, principalmente, o grande problema que coloca em risco o meio ao nosso redor: o comportamento do homem, seus valores voltados para o consumismo e as posturas adotadas pela sociedade capitalista contemporânea.

Em busca de nossos objetivos, encontramos novos desafios. Concluímos que uma sociedade sustentável é um desafio que extrapola o contexto midiático. Esta barreira poderá ser vencida somente mediante um novo modelo de pensar alicerçado no envolvimento e comprometimento da sociedade como um todo, onde uma gestão democrática possa capacitar cada vez mais comunidades locais a assumirem, juntamente com as administrações, a responsabilidade quanto ao desenvolvimento e à preservação do meio ambiente.

A definição de estratégias e ações que contribuam para um novo modelo deve ser fruto de um esforço conjunto dos gestores em todas as instâncias e a

população, buscando-se experiências que tenham contribuído para transformações efetivas em relação à qualidade de vida. Do mesmo modo, vale reforçar como caminho possível a utilização combinada de várias estratégias que envolvem soluções estruturais, modificação de valores, modelação social e preparação para a auto-regulação.

Neste sentido, acreditamos que a mídia é uma ferramenta importante, mas apenas uma ferramenta. Concluímos, no entanto, que assim como os demais elementos da teia social (diversos segmentos da sociedade), ela também se encontra diretamente subordinada e fundamentada na lógica do capital. As limitações de utilização da mídia para a conscientização da população se observa tanto no sentido estrutural quanto em termos práticos. A pesquisa aplicada junto aos jornalistas da TV Integração revelou desafios a serem vencidos.

O primeiro deles diz respeito à aproximação de geógrafos, ambientalistas e profissionais da área do universo das redações. Essa é a constatação lógica diante do dado de que 46% das notícias veiculadas pela emissora, segundo os jornalistas, serem originadas do contato com as “fontes conquistadas”. Neste sentido, concluímos que deve ser feito um esforço de tentar sensibiliza-los, explicar a abrangência das questões que envolvem o meio ambiente e, com isso, construir uma relação de fonte de informação acessível e de credibilidade.

O segundo desafio abrange ao conhecimento mínimo da rede econômica, social e política na qual se estrutura o jornalismo. Antes de tudo é preciso conhecê-lo, saber como funcionam as rotinas produtivas desses profissionais, entender os valores/notícia. Sabendo como pensam, agem e, finalmente, definem o que será notícia ou não se torna mais fácil a **criação e aproveitamento** de oportunidades para a veiculação de informações sobre o meio ambiente.

Este tipo de postura constitui, sobretudo, um caminho, uma ponte que pode ligar o jornalismo à questão ambiental. Reconhecemos que a notícia está inserida na estrutura capitalista. Acreditamos, entretanto, na superação desta barreira tanto pelo conhecimento das práticas quanto pelo posicionamento profissional e teoricamente fundamentado. Neste sentido, ressaltamos que, embora a realidade atual do jornalismo na TV Integração, aponte para a

valorização de uma outra gama de matérias, cabe aos grupos diretamente relacionados ao tema ambiental sugerir uma mudança.

Referências

ALENCASTRO, L. U. de. **A Produção e o Consumo: a cidade como espaço de segregação.** In: Castro, A. E. (Org.). Política Urbana: a produção e o consumo da cidade, 2a. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 15-22.

BACKER, P. de. **Gestão Ambiental: a administração verde.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995, 248p.

BALLACHEY, E.L. et all. **O Indivíduo na Sociedade - Um manual de Psicologia Social.** Vol. II, São Paulo: Pioneira, 1975, 656p.

BESSA, K. C. F.O e Soares, B. R. **Considerações sobre a dinâmica demográfica da região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Caminhos da Geografia**, 3(6) 22-45, jun/2002.

ALENCASTRO, L. U. de. **A Produção e o Consumo: a cidade como espaço de segregação.** In: Castro, A. E. (Org.). Política Urbana: a produção e o consumo da cidade, 2a. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 15-22.

BERNARDES, J. A, FERREIRA, F. P. M. **Sociedade e Natureza.** In: CUNHA, S. B e GUERRA, A. J. T (org.) **A Questão Ambiental: diferentes abordagens.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis.** Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, L. da S. **A gênese da evolução do urbanismo moderno e a produção da cidade.** Caminhos da Geografia, 2(4) 37-54, jun/2001.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 15ª ed., Editora Perspectiva, São Paulo, 1999. Título original – Como se fa uma tesi di laurea.

ESTADO DE MINAS. **Doença da pressa.** Belo Horizonte, Caderno Bem Viver, matéria publicada em 17 de setembro de 2006.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre, Tchê, 1987. Acesso à obra em 11/05/2006, no site www.adelmo.com.br

GEOGRE, Pierre. **A ação do homem.** Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Difusão Européia do Livro ed., 1976.

LEONARD, H. Jeffrey (org.). **Meio Ambiente e Pobreza: estratégias de desenvolvimento para uma agenda comum.** Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LEROY, J.P. **Ecologia, economia e ética: pressupostos do desenvolvimento sustentável.** Proposta, n. 91, dez/fev., 2001.

MARX, K. **O Capital.** Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 7ª ed., Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1982.

MELO, J. M. **Comunicação social: teoria e pesquisa.** Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1970. – Coleção MCS – 1.

MELO, J. M. **Estudos de Jornalismo Comparado.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

PAPALIA, D.E. e Olds, S.W. **Desenvolvimento Humano**, 7a. ed., Porto Alegre: Artmed, 2000, 684p.

PEGORARO, O A. **Ética e Bioética – Da subsistência à existência.** Petrópolis: Vozes, 2002, 133p.

MONTEIRO, C.A.F. **A questão ambiental no Brasil 1960-1980.** São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo (IG/USP), 1981.

NÚCLEO DE PESQUISAS EM INFORMÁTICA, LITERATURA E LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). **Carta de Pero Vaz de Caminha.** 1963.

OLIVEIRA, S. F. **Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa. Estudo do desenvolvimento capitalista em cidades de médio porte: Uberlândia (1950-1985).** Uberlândia: Editora Rápida, 2002.

RAMOS, L.F. A. **O meio ambiente e os meios de comunicação.** São Paulo: ANNABLUME, 1995. – (Selo Universidade: 42).

RIBEIRO, T.G. e Brito, D. C. **A modernização na era das incertezas: crise e desafios da teoria social. Ambiente e Sociedade**, V. 5, n.2/v.6n.1, Campinas, 2003.

RIVLIN, L.G. **Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre a inter-relação pessoa-ambiente**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 8, n.2, Natal, maio/ago., 2003.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. Tradução de Sandra Lencioni. 2^a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. 113 p.

SOUZA, Mauro Wilton de. LOPES, Dirceu Fernandes Lopes e TRIVINHO, Eugênio (org). **Sociedade Mediática: significação, mediações e exclusão**. Santos (SP), editora Universitária Leopoldinum, 2000.

TEMER, A.C.R. P. **Colhendo notícias, plantando imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo**. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

TRIGUEIRO, A (coord.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SANTOS, R.L.R. **Análise sobre a Agenda 21 Municipal**. Disponível em: <http://WWWfea.unicamp.br>. Acesso em: 26 março. 2004.

Singer, P. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994, 399p.

SIQUEIRA, D. C. O. **A Ciência na Televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume, 1999.

VERDUGO, C. V. e Pinheiro, Q. J. **Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental**. Estudos de Psicologia (Natal), V.4, N.1, Natal, Jan./jun., 1999, p. 7-22.

VLEK, C. **Globalização, dilemas dos comuns e qualidade de vida sustentável: do que precisamos, o que podemos fazer, o que podemos conseguir?** Estudos de Psicologia (Natal), V. 8, n. 2, Natal, maio/ago., 2003.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações**. [tradução Karina Jannini]. 2^a ed. - São Paulo: Martins e Fontes, 2005. (Coleção leitura e crítica).

A n e x o s



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Área de Concentração Ensino, Métodos e Técnicas em
Geografia



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA GUSTAVO DE OLIVEIRA MOREIRA – MESTRANDO NOVEMBRO DE 2006

Este questionário (**NÃO IDENTIFICADO**) é destinado aos jornalistas que trabalham na TV Integração, emissora afiliada à Rede Globo, com sede em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Os dados aqui fornecidos só serão utilizados em trabalho de pesquisa acadêmica, desenvolvida junto ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG/UFU). O autor reitera que as informações registradas neste documento não identificam o profissional entrevistado. Desde já agradeço a atenção e gentileza em responder às questões dispostas logo abaixo.

1. Sexo

Masculino () Feminino ()

2. Naturalidade (cidade/estado)

3. Escolaridade

- 3.1 () Ensino Básico (Ensino Médio)
- 3.2 () Superior Completo
- 3.3 () Pós-graduação/especialização (*latus sensu*)
- 3.4 Pós-graduação (stricto sensu)
Mestrado () ou Doutorado ()

4. Tem formação acadêmica em Comunicação/Jornalismo?

() Sim – Instituição onde se formou:

5. Tempo de atuação no Jornalismo

- () 1 a 3 anos
- () 3 a 6 anos
- () 6 a 10 anos
- () Mais de 10 anos

6. De que maneira se mantém informado? Assinale – de 1 a 5 - de acordo com o grau de freqüência com que acompanha cada um dos veículos abaixo.

- () Internet
- () Televisão
- () Mídias impressas (jornais, revistas, dentre outros)
- () Rádio
- () Telefonia celular (wap e infocel)

7. Enumere – de 1 a 3 - as suas

8. Cite a quantidade e o nome dos

**principais fontes de notícias, de livros que leu este ano (2006)?
acordo com o grau de
importância de cada uma.**

- () Outros veículos de comunicação (internet, TV, Rádio, impressos, dentre outros) _____
() Fontes conquistadas (telespectadores, servidores públicos, políticos, empresários, líderes comunitários, polícia, etc.) _____
() Outras fontes _____

9. O que leva em consideração para definir o que é NOTÍCIA?

10. Enumere os temas (em ordem de importância de 1 a 10) que, na sua opinião, despertam interesse da sociedade?

- () Problemas sociais
() Fatos policiais
() Acidentes de maneira geral (trânsito, trabalho, etc)
() Política
() Economia
() Bem-estar
() Cultura (artes plásticas, populares, cinema, teatro, etc)
() Meio ambiente (desastres ecológicos, fenômenos naturais, conscientização, projetos ambientais)
() Cidade (cobertura de notícias gerais de interesse da comunidade)
() Serviços (empregos, concursos, cursos, oportunidades etc)

11. E, na sua opinião, o Meio Ambiente é um tema que, geralmente, pode se transformar em notícias? Por quê?

12. Em linhas gerais, você acha que o Jornalismo pode ser utilizado como um meio de difusão de projetos, idéias e pesquisas relacionadas à questão ambiental e, desta maneira, ajudar a reduzir o impacto da ação do homem sobre a natureza?

13. Na sua opinião, qual foi o fato/notícia mais importante veiculada em Uberlândia em 2006? (Apenas cite)
